

highlander
desejo de um escocês
maya banks

Tradução de Rita Carvalho e Guerra

*Para Kate Collins, uma editora e defensora maravilhosa.
E para Gina Wachtel e Linda Marrow,
a quem eu amo muito.*

Capítulo 1

— **A**lguma vez desejaste, nem que por um instante, poder recuar no tempo? — sussurrou Genevieve McInnis, erguendo-se à janela do minúsculo quarto na torre que lhe tinha sido atribuído há mais de um ano.

O Sol de verão ia alto e não mostrava sinais de descer no céu e, no entanto, era capaz de sentir a escuridão. Sabia que estava para vir. Os Montgomerys não aceitariam a injustiça cometida contra um dos seus e, agora, todo o clã McHugh — ou o que restava dele — pagaria pelo atrevimento de Ian McHugh.

Devia ter medo, mas já há muito aceitara o seu destino. A sua possível mortalidade. Não o temia como outrora. Tinha descoberto que existiam coisas piores do que a morte. Por vezes, viver exigia uma coragem muito maior. Enfrentar um novo dia. Persistir. Essas coisas exigiam força. Muito mais do que morrer.

O vento aumentou, soprando frio no seu rosto, cortando o ardor do Sol. A sua própria pergunta regressou, num sussurro baixinho, aos seus ouvidos como se o vento tivesse pegado nela e a tivesse trazido de volta nas suas asas.

Se, ao menos, nunca tivesse conhecido Ian McHugh. Se, ao menos,

tivesse permanecido no seu quarto nesse dia fatídico, quando ele chegou à corte e ficou, de imediato, obcecado por ela.

No entanto a sua obsessão não se limitara a ela. Ele colecionava coisas. Mulheres. Estas correspondiam a objetos que ele via como posses. Era como uma criança petulante que se agarrava aos seus brinquedos preferidos. Se não a pudesse ter, homem algum a teria.

Acontecera o mesmo a Eveline Montgomery, a mulher que, como Genevieve, desprezara os avanços de Ian. Desta vez, contudo, enfurecera o clã errado e pagara por isso com a vida. Graeme Montgomery tinha reparado a ofensa cometida contra a sua esposa e trespassara Ian com a sua espada perante todo o clã McHugh.

E, agora, todo o clã aguardava com uma preocupação ansiosa pelo regresso dos Montgomerys. O pai de Ian, Patrick, o *laird*¹ — por risível que fosse tal pensamento — fugira nessa mesma manhã pois sabia que Graeme Montgomery regressaria para vingar a sua esposa. Como Genevieve rezara que fizesse.

Finalmente. *Finalmente* ela teria nem que fosse uma ténue *esperança* de alcançar a liberdade.

Patrick não era o *laird*. Ian tinha desconsiderado o pai desde tenra idade. Ian tomava as decisões. Ian maltratava o pai. Ian governava no lugar de Patrick há anos. Tudo o que restara a Patrick fora afastar-se e nomear Ian seu sucessor.

Mas agora o clã estava destruído. Muitos tinham fugido para evitar o inevitável banho de sangue que decerto ocorreria. Outros tinham ficado, apenas por não terem outro sítio para onde ir.

Esse era o caso de Genevieve.

Para onde iria?

Para a sua família, estava morta. Acreditavam que tinha sido assassinada numa emboscada, quando a sua comitiva realizava a viagem até ao seu prometido. Ian McHugh aparecera de repente, chacinando todos os homens e mulheres que a acompanhavam até às terras do seu futuro marido. Levara Genevieve consigo para a sua fortaleza, jurando que homem algum, para além dele, a possuiria.

Tratava-se de uma jura que tinha mantido.

Ergueu a mão para tocar na cicatriz que lhe desfigurava a face esquerda. Fechou os olhos para impedir o ardor das lágrimas. De nada lhe

¹ Título hereditário de proprietário de terras na Escócia. (N.T.)

servia chorar. Já há muito ultrapassara a fase das lágrimas e da autocomiseração.

Quando repeliu os avanços de Ian depois da sua captura, tal como fizera quando tinham sido apresentados na corte, a raiva dele não teve limites. Cortara-lhe o rosto com a faca, jurando a Deus que homem algum voltaria a olhar para ela com desejo.

Tinha razão. Homem algum olharia para ela com outro sentimento que não fosse o horror. Testemunhara muitas vezes o estremecimento irreprimível quando virava a cabeça e a cicatriz se tornava visível.

E, no final, de nada lhe servira o facto de ter recusado os avanços de Ian porque ele tomava o que queria, uma e outra vez, até ela não ter qualquer defesa contra ele. Não ter força. Não ter poder. Apenas uma resignação entorpecida.

Odiava-se por isso. A vergonha e a humilhação eram os seus companheiros habituais e, agora que ele estava morto, não queria mais do que ver-se livre daquele lugar.

Mas para onde iria?

Sim, para onde iria?

Fechou os olhos, desejando que o seu coração ansioso cessasse o seu aperto dentro do peito. O temor apertava-a até lhe cortar a respiração, e sabia que lhe restava pouco tempo. O seu destino — e o seu julgamento — esperavam-na.

A porta da prisão minúscula que lhe servira de quarto abriu-se de rompante e Taliesan coxeou pesadamente na sua direção, no seu rosto um esgar de dor e terror.

— O que haveremos de fazer? — sussurrou Taliesan. — Estamos certamente condenadas. O *laird* Montgomery jamais se apiedará de nós. Não depois do que Ian e o pai fizeram à rapariga Montgomery.

Taliesan era prima da falecida esposa do *laird* McHugh. Todo o clã McHugh era composto por parentes afastados e um bando de malfeitores que tinham sido integrados no clã depois de terem sido expulsos dos seus. Aquele era o único rosto amigável num mar de animosidade que emanava dos restantes membros do clã.

Genevieve nunca compreendera o que tinha feito para encorajar tamanho ódio em relação a si. Decerto não estava ali por vontade própria. E o resto do clã sabia-o bem. Não tinha feito mal algum a nenhum McHugh, ainda que o contrário não se pudesse dizer.

Estremeceu quando as palavras *prostituta* e *meretriz* lhe ecoaram aos ouvidos. Tais insultos eram constantemente lançados contra ela e tinha-se fechado à dor e à humilhação que causavam.

Ela era aquilo que Ian McHugh fizera dela. Nada mais. Não transportaria consigo a culpa pelas ações de outro. Nem passaria o resto da sua vida imersa em arrependimento por algo que não tinha escolhido.

— Recebeste notícias da sua aproximação? — perguntou a Taliesan. Taliesan acenou, os seus olhos escurecendo ainda mais, de temor.

— Sim, recebi. O vigia trouxe a notícia nem há cinco minutos. O exército Montgomery aproxima-se, mas é pior do que poderíamos ter imaginado pois o exército Armstrong acompanha-o. Vêm *unidos*.

— Deus do céu — sussurrou Genevieve horrorizada. — Pretendem matar-nos a todos.

Era a última coisa que Genevieve desejara. Sim, tinha sonhado com a morte de Ian. Uma morte demorada, horrível, e isso tinha-lhe sido roubado quando Graeme Montgomery o trespassara com a sua espada. A sua morte fora demasiado rápida e misericordiosa para o tipo de homem que ele era.

Sussurrou uma oração sentida, pedindo que os seus próprios pecados não os conduzissem a todos à morte. Tudo o que desejava era uma hipótese. Uma oportunidade para ser livre. Queria viver, em vez de existir num estado de medo e humilhação constantes. Não era pedir demasiado, pois não?

— O que é que fazemos, Genevieve? — perguntou Taliesan, a voz rouca de medo.

Genevieve endireitou os ombros, sentindo as costas a ficarem tensas de determinação. E de orgulho.

— Temos de proteger as mulheres e as crianças. Os homens terão de enfrentar as consequências da imprudência do seu *laird*. Nada mais poderemos fazer a não ser sujeitarmo-nos à misericórdia dos Montgomerys e dos Armstrongs e rezarmos para que sejam, de facto, misericordiosos.

Genevieve passou por Taliesan e, mal passou a porta, virou-se, a sua voz estalando como um chicote.

— Vamos embora. Reunamos os outros. Se temos de enfrentar o nosso fim, que seja com orgulho. O orgulho que Ian e o seu pai foram

incapazes de demonstrar. Se os homens deste clã são incapazes de fazer jus ao seu nome, resta às mulheres avançar.

As feições de Taliesan tornaram-se tensas, e o seu queixo ergueu-se.

— Sim, tens razão.

Genevieve abrandou o passo para acompanhar o andar desajeitado de Taliesan e puxou o capuz do manto sobre a cabeça para esconder o rosto.

Iria reunir as mulheres e as crianças do clã numa só divisão e, depois, apelaria aos sentimentos do líder Montgomery.

Ocorreu-lhe que não devia nada àquele clã. Que, mesmo naquele momento, devia fugir e aproveitar a sua única oportunidade para reclamar o que lhe fora negado.

A liberdade.

Mas não tinha para onde ir. Não tinha qualquer santuário. Não tinha dinheiro ou comida com que sobreviver.

Quiçá... Quiçá o *laird* Montgomery se revelasse misericordioso e talvez a deixasse num convento onde ela pudesse viver os seus dias em paz, livre do domínio de um homem determinado a destruí-la.

Capítulo 2

Bowen Montgomery esporeou o cavalo, levando-o a galopar, enquanto subia a última colina que escondia a fortaleza McHugh do seu olhar. Ao seu lado cavalgava o irmão, Teague, e ambos eram acompanhados, desconcertantemente, por Aiden e Brodie Armstrong.

Muitos Montgomerys e Armstrongs davam voltas nos seus túmulos perante a ideia de os dois clãs se aliarem numa mesma causa. Mas não era uma causa qualquer. Tratava-se de uma mulher querida a ambos os lados.

Eveline Montgomery. Esposa de Graeme Montgomery mas filha de Tavis Armstrong, *laird* do clã Armstrong e, até há poucos dias, inimigo de sangue dos Montgomerys.

Bowen ainda não sabia o que pensar de tudo aquilo. Teria preferido abordar o próprio Patrick McHugh e ocupar as suas terras até Graeme determinar o seu destino. Tratava-se de uma tarefa que ele e Teague teriam realizado facilmente sozinhos, sem qualquer interferência das crias Armstrong, mas a última coisa que Bowen desejava era começar uma guerra estando Eveline num estado de tão grande fragilidade devido à sua provação.

A sua irmã por casamento era forte, mas até a mais robusta das ra-

parigas ficaria atordoada pelo tratamento que ela sofrera às mãos de um monstro.

— Tens um plano? — gritou Teague por cima do matraquear dos cascos.

Bowen dirigiu-lhe um breve aceno mas manteve o olhar fixo em frente pois tinham chegado ao cimo da colina a partir da qual podiam ver a fortaleza McHugh. Era um plano suficientemente simples. Matar Patrick, vingar Eveline, assumir o controlo da fortaleza e eliminar aqueles que se rebelassem sob o comando de Bowen.

— E importas-te de aprofundar o teu plano? — perguntou Teague, exasperado.

Bowen estacou, o cavalo a dançar de lado ao longo do limite da elevação íngreme. Ao seu lado, Teague, Aiden e Brodie puxaram as rédeas dos cavalos e fitaram a fortaleza em baixo.

— Planeio trespassar Patrick com a minha espada — disse Bowen calmamente. — O facto de ainda respirar o mesmo ar que nós é ofensivo. Não passa de um mentiroso e de um cobarde.

— Sim — disse Brodie, com um franzir de sobrolho soturno. — Olhou-me nos olhos e disse que não conhecia o paradeiro da minha irmã embora soubesse que ela se encontrava na masmorra sob nós, severamente maltratada pelo bastardo do seu filho.

As sobranceiras de Aiden aproximaram-se uma da outra e ele apontou para baixo, enquanto os restantes soldados Montgomery e Armstrong subiam a elevação e formavam uma linha impressionante no cimo da colina.

As suas armaduras brilhavam ao sol, oscilavam e refletiam uma deslumbrante variedade de raios resplandcentes. Aos que se encontravam lá em baixo, devia parecer que o inferno estava prestes a abater-se sobre eles. O exército Montgomery era, só por si, uma visão suficientemente impressionante para levar o mais duro dos guerreiros a fugir de terror. Mas, lado a lado com os soldados Armstrong, constituíam uma força de combate com a qual nem o exército do rei podia rivalizar.

Nunca antes dois clãs tão poderosos se tinham aliado. Era algo que, provavelmente, nunca mais se repetiria.

— É uma bandeira branca o que pende da torre de vigia? — perguntou Aiden, incrédulo.

O olhar de Bowen aguçou-se e ele fitou a faixa que se agitava ao vento.

— Parece um lençol de linho — murmurou.

— Sim — concordou Teague.

— São dois! — exclamou Brodie, apontando para a torre gémea do outro lado do portão.

De facto fora desenrolado outro lençol de linho que, batido pela brisa, se agitava loucamente da janela larga aberta na torre de pedra.

— Estão a desistir sem lutar? — perguntou Aiden, incrédulo.

Bowen franziu o sobrolho.

— Talvez se trate de um truque.

— Se assim é, trata-se de um truque idiota — rosnou Brodie. — O seu número é muito inferior ao nosso e, mesmo que conseguissem reduzir a sua desvantagem, não estariam à nossa altura. Ainda que conseguissem apanhar alguns de nós de surpresa, depressa seriam aniquilados.

— Só há uma maneira de descobrir — disse Teague com um encolher de ombros.

Desembainhou a espada e incitou o seu cavalo a avançar.

Bowen enterrou os calcanhares nos flancos do cavalo e apressou-se a alcançar o irmão.

Atrás deles, Brodie e Aiden soltaram um grito que foi ouvido e ecoado pelas fileiras dos seus homens até toda a encosta rugir com o seu grito de guerra.

Quando estavam a curta distância do portão escancarado que dava acesso ao pátio interior, um jovem rapaz saiu, aos tropeções, para o exterior das muralhas, apertando nas mãos uma espada demasiado grande para a sua pequena estatura. Presa na ponta estava uma bandeira branca de fabrico grosseiro.

Não havia qualquer necessidade de a agitar porque as suas mãos tremiam tanto que o pedaço de tecido abanava loucamente ao vento.

Bowen refreou o cavalo, enojado, e fitou, incrédulo, o rapaz que não podia ter mais de seis ou sete anos.

— Envia uma criança para enfrentar um exército que se aproxima? — rosnou.

Teague estava sem palavras, fitando, estupefacto, a imagem à sua frente. Aiden e Brodie olhavam para Bowen, abanando incessantemente a cabeça.

— Cobardes — cuspiu Brodie. — Não há nada que eu despreze mais do que um cobarde.

— Por favor, não nos façam mal — disse a criança, os dentes a bater como se estivessem no pino do inverno. — É com a bandeira da rendição que vos acenamos. Não erguemos armas contra vós.

— Onde está o teu *laird*? — perguntou Bowen friamente.

— P-p-partiu — gaguejou o rapaz.

— Partiu? — repetiu Aiden.

O rapaz acenou vigorosamente.

— Sim, esta manhã. A minha mãe diz que ele fugiu porque sabia que ia morrer pelos seus pecados.

— A tua mãe estava certa — murmurou Teague.

O medo brilhou nos olhos do rapaz.

— Muitos partiram. Já não restamos muitos. Não queremos a guerra e rezamos para que sejam misericordiosos nos vossos atos.

Mantinha o olhar afastado, a cabeça curvada de um modo subserviente, mas Bowen via as mãos do rapaz a tremer e enfurecia-o que aquela criança tivesse sido enviada em tão perigosa missão.

— Ansel! Ansel!

Uma voz feminina ressoou fortemente através do pátio. Estava carregada de raiva... e de medo. E, depois, uma figura esguia envolta num manto que obscurecia por completo as suas feições surgiu por entre os portões.

Correu para a criança e agarrou-a por um braço, puxando-a rapidamente para o interior do seu manto até a esconder dos olhares. Apenas os seus pés permaneciam visíveis.

— Quem te enviou em tão tola missão? — perguntou, olhando para baixo na direção da cabeça da criança.

Tratava-se de uma pergunta que Bowen também gostaria de ver respondida.

— Corwen — disse a criança, a voz abafada pelo manto da mulher.

A única parte visível da rapariga eram as mãos que espreitavam das mangas compridas do manto. Bowen estudou-as com interesse, enquanto elas apertavam a criança com tanta força que as pontas dos dedos ficaram brancas.

Eram mãos jovens. Macias. Nem uma ruga à vista. As unhas estavam arrançadas com elegância e arredondadas nas pontas, e os dedos eram compridos e finos, pálidos, como se nunca tivessem sido beijados pelo Sol.

Era evidente que não se tratava de alguém que trabalhasse nos campos. Nem tão pouco na limpeza da fortaleza.

— Bastardo covarde — cuspiu, surpreendendo os quatro homens com a sua veemência, e com a linguagem básica. Não que algum deles discordasse da avaliação.

— É a rapariga que nos indicou a masmorra onde Eveline estava aprisionada — disse Brodie em voz suficientemente baixa para que ela não o ouvisse.

Os cabelos no pescoço de Bowen eriçaram-se e ficaram de pé. Sim, era verdade. Quando Graeme desesperara por se julgar incapaz de descobrir o paradeiro da esposa a figura sombria, envolta num manto, aparecera nas escadas e indicara-lhes o piso subterrâneo, onde encontraram, de facto, o local onde Eveline era mantida prisioneira.

— O que o rapaz estava a dizer é verdade? — perguntou Bowen à rapariga. — Patrick McHugh fugiu, abandonando o clã e a fortaleza ao seu destino?

A rapariga ficou imóvel, as suas mãos deixando o rapaz para se apertarem em punhos cerrados ao lado do corpo. Se a sua linguagem corporal podia ser encarada como um sinal, estava furiosa.

— Sim — disse friamente. — Tudo o que resta são mulheres e crianças, os que estão velhos e não podem viajar. Também os guerreiros com esposas e filhos se recusaram a partir. Os restantes fugiram pela madrugada.

— E onde estão os que ficaram? — insistiu Brodie.

— No interior da fortaleza. Amontoados no salão principal, perguntando-se se cada golfada de ar que respiram será a última — disse, em tom de desdém.

Algo no tom da rapariga incomodou Brodie, e o facto de esconder de si o rosto incomodou-o ainda mais.

— Tira o capuz, rapariga — ordenou. — Gostaria de saber com quem estou a falar.

Ela ficou imóvel, baixando as mãos ao longo do corpo até estas estarem encostadas à saia do vestido. Atrever-se-ia a desafiá-lo em frente aos seus homens, bem como aos Armstrongs?

A expressão dele tornou-se mais sombria e os seus lábios apertaram-se.

— Faz como te ordeno — disse, furioso.

Com as mãos trémulas, ela empurrou o rapaz para trás de si e, lentamente, levou os dedos aos limites do capuz. Ela estava virada, de tal forma que ele e os seus homens a viam de perfil e, quando baixou o capuz revelando a cabeça, Brodie ouviu um arquejo atrás de si.

Cristo, a mulher era linda. Talvez fosse a mulher mais bela que alguma vez vira na vida. As suas feições tinham sido esculpidas na perfeição.

O longo cabelo castanho caía-lhe em ondas sobre os ombros. Nele misturavam-se diferentes tonalidades e, com o Sol a incidir sobre ela, os diferentes tons eram realçados numa deslumbrante variedade. Da primeira vez que a vira achara que a rapariga tinha cabelo cor de asa de corvo. Ela encontrava-se na escuridão da fortaleza e só algumas madeixas espreitavam por baixo do manto. Mas ali, em toda a glória do Sol, era evidente que o seu cabelo não era simplesmente preto. Não, tratava-se de uma juba magnífica que parecia mudar de cor dependendo de como ela se movia e da origem da luz.

A sua estrutura óssea era pequena e delicada, as maçãs do rosto altas e a linha do maxilar firme, conduzindo a uma curva perfeita da boca. As sobrancelhas escuras eram arqueadas e as pestanas compridas faziam realçar o vívido verde dos seus olhos.

Sentia-se como se alguém lhe tivesse desferido um forte murro no estômago pois era incapaz de respirar. Os seus homens não estavam menos afetados, fitando, boquiabertos, a perfeição à sua frente.

Por que raio se daria ela a tanto trabalho para esconder a sua beleza?

Então ela virou para ele o rosto, a boca traçando uma linha firme, os olhos feridos e reservados, como se se preparasse para a reação seguinte.

Outro arquejo — desta feita de horror — ecoou rudemente através do ar. Bowen estremeceu, como se tivesse sido atingido por um golpe inesperado.

O outro lado do rosto da rapariga estava... *desfigurado*.

Uma cicatriz irregular percorria toda a extensão do seu rosto, começando na fonte e terminando no canto da boca. Era óbvio que não tinha sido dedicado qualquer cuidado ao coser da ferida. Não havia qualquer suavização da cicatriz e era igualmente claro que a ferida não tinha sido infligida há muito.

Ele viu-a encolher-se perante a reação dos seus homens — perante

a sua própria reação — e isso envergonhou-o. Mas, seguindo de perto o arrependimento, veio... a raiva. Já furioso perante a sequência de eventos e tudo o que tinha ficado a saber desde a sua chegada, ficou ainda mais enraivecido ao fitar a rapariga.

— Que raio te aconteceu à cara, rapariga? — perguntou.

Capítulo 3

Um rubor invadiu o lado do seu rosto que não estava marcado pela cicatriz. A humilhação turvou-lhe o olhar e Bowen sentiu um toque de arrependimento por ter apresentado com tanta arrogância o seu pedido de informação.

Era bem possível que aquela fosse a mulher mais fascinante que Bowen alguma vez vira. Um lado do seu rosto era incrivelmente perfeito. O outro uma tragédia absoluta.

A curiosidade ardia-lhe nas veias, deixando-o impaciente e nervoso. Queria exigir que tudo lhe fosse revelado. Se se tratara de um acidente ou se fora feito de propósito. A vergonha nos seus olhos dava a entender algo tão escuro e sinistro quanto a cicatriz em si mesma, e isso deixou-o ainda mais determinado a arrancar-lhe a verdade.

— Por que nome te chamam? — perguntou Bowen, mudando de tática quando se tornou claro que ela não lhe iria dar qualquer resposta.

Era óbvio que ela não se sentia confortável em relação ao tema da cicatriz, e ele necessitava de muito mais informação à luz dos desenvolvimentos no interior do clã McHugh.

— Genevieve — respondeu baixinho.

Era um nome tão belo como um dos lados do seu rosto. Um nome

que correspondia à mulher que decerto tinha sido, antes de um dos lados do seu rosto ter sido aberto por uma lâmina.

— Genevieve McHugh?

Ela ergueu o queixo, os olhos vidrados tornando-se ilegíveis.

— Apenas Genevieve. Quem eu era não importa, pois já não sou essa mulher.

As sobranceiras de Teague ergueram-se perante a afirmação críptica. Brodie e Aiden ficaram igualmente chocados.

— Bem, Genevieve, parece que estás a agir como porta-voz do teu clã. Conduz-nos ao interior para que nos possamos encontrar com o que resta do clã McHugh, e para que eu possa decidir qual será o seu destino.

Os lábios de Genevieve contorceram-se de escárnio, os olhos cintilando de raiva.

— A vossa arrogância é despropositada, bom senhor. Estas pessoas não tiveram qualquer parte nos maus-tratos sofridos por Eveline Montgomery. Foram vítimas da cobardia de Ian e de Patrick, tal como a própria Eveline.

Brodie avançou, os lábios retorcidos num esgar.

— Duvido que tenham estado presos numa masmorra e que tenham sido atormentados com o seu destino. A minha irmã foi abusada por Ian McHugh durante anos. Ele age há muito como seu carrasco.

Genevieve encarou Brodie com um olhar firme.

— Existem muitos tipos de tormento, senhor. Não, os homens do clã não foram aprisionados numa masmorra. Não, não foram ameaçados nem sujeitos aos mesmos abusos que Eveline. Lamento por ela. Não desejaria que o meu pior inimigo se visse refém de Ian McHugh.

Pelo rosto dela perpassou uma dor e uma tristeza tão profundas e impressionantes que Bowen se sentiu mergulhado em desconforto. A aflição dela brilhava como um farol e o seu instinto era confortá-la de alguma forma.

Ele estendeu a mão, a sua intenção era tocar-lhe no braço, mas ela encolheu-se de imediato e fitou-o, desconfiada, ao mesmo tempo que colocava entre ambos uma distância cautelosa.

— Nunca pensem que não sofreram, ainda assim — continuou Genevieve. — Há muito padecem com a falta de um líder forte. Patrick era *laird* apenas de nome. Ian não passava de um brutamontes que se alegrava em suscitar o medo nos outros. O seu próprio pai temia-o. Qualquer

pessoa que se atrevesse a erguer a voz ou a discordar de Ian pagava bem caro pelo que este entendia ser uma ofensa.

— Sim, acredito nisso — disse Teague, soturnamente. — Não foi um retrato bonito o que nos foi pintado ao longo desta última extensão de caminho. Tomámos conhecimento do seu carácter através de Eveline. Qualquer pessoa capaz de atormentar uma rapariga doce e jovem, com tão tenra idade, é um monstro que devia ser aprisionado no inferno.

— Tenho toda a confiança de que é lá que reside neste momento — disse Genevieve, revelando uma calma convicção.

— Leva-nos até aos outros — interrompeu Bowen, impaciente por resolver a questão. — Depois de me ter reunido com os teus parentes decidirei o que será feito.

— Não são meus parentes — disse ela, baixinho. — Mas ainda assim gostaria que fossem tratados com justiça.

Perplexo com o mistério de Genevieve — *apenas Genevieve* — Bowen apontou para o pátio, indicando a Genevieve que devia avançar.

Ansel libertou-se das saias de Genevieve e não parou, desaparecendo na fortaleza, subindo uns degraus do pátio.

Genevieve avançava a um passo calculado, sem pressas, a cabeça erigida, envolta na sua dignidade como quem se envolve num manto no inverno. Havia uma serenidade na sua pose que parecia demasiado ensaiada, como se se tratasse de um mecanismo de defesa, um mecanismo a que estava bastante habituada.

Estava demasiado calma, tendo em conta que se encontrava perante um exército inimigo com vingança e sede de sangue na mente. A maior parte das mulheres — e dos homens — ficariam aterrorizados e o mais certo era que suplicassem por misericórdia.

Não esta mulher.

Era régia e ponderada, quase como se fosse ela quem lhes estava a fazer um favor ao escoltá-los. Bowen não era capaz de detetar um único estremecimento. Nada daquilo a afetaria, de facto, ou seria ela mestre a mascarar as suas emoções? Tê-la-ia o seu ferimento deixado de tal forma impermeável aos juízos ou reações dos outros que, simplesmente, não registava tudo o que se passava à sua volta?

Não, ele apercebera-se da sua primeira resposta quando ele e os seus homens reagiram ao choque que representava o seu rosto desfigurado.

Embora o tivesse escondido rapidamente, ficara magoada e envergonhada com o horror coletivo que percorrera os homens ali reunidos.

O facto de ele e os seus homens terem demonstrado tamanho desrespeito por uma mulher que era, obviamente, de bom nascimento e educação, envergonhava-o. Mas o mal estava feito e ele não podia apagar as suas reações ou as de Teague e dos irmãos de Eveline.

O pátio estava deserto. Não era possível ouvir qualquer som, nem mesmo ao longe. Levantou-se vento, soprando frio no local onde o Sol incidira sobre as suas cabeças.

Quando subiram os degraus da fortaleza puderam ouvir um burburinho nervoso vindo do interior. Escutaram choros abafados e o murmúrio grave das vozes masculinas que ofereciam palavras de conforto. Mas havia uma intensidade, mesmo nas palavras dos homens, que se revelava inconfundível.

Todos esperavam o seu destino.

Bowen entrou no salão, atrás de Genevieve, com a expressão sombria e um sentimento de tristeza a apoderar-se de si. Não tinha qualquer desejo de trazer a morte e a destruição aos inocentes. Pela primeira vez numa história mergulhada em violência, o futuro parecia pacífico.

Os Montgomerys tinham alcançado, por fim, uma trégua temporária com os Armstrongs — uma trégua genuína — selada pelo casamento de Graeme e o seu amor por Eveline Armstrong.

E a verdade é que Bowen não conseguia ver qualquer falha nos Armstrongs por desejarem proteger Eveline. Tavis Armstrong parecia um homem justo, razoável, por muito que custasse a Bowen admiti-lo.

Quando os homens do clã McHugh viram Genevieve e os quatro homens que avançavam atrás dela, ergueu-se uma torrente imediata de ruído. Os balbucios e o choro intensificaram-se. Franzires de sobrolho sombrios adornavam os rostos dos homens, e os olhares de algumas mulheres eram acusadores.

Todos eram dirigidos a... Genevieve?

Bowen franziu o sobrolho, confuso, mas antes que pudesse dizer alguma coisa duas mulheres lançaram uma rude acusação a Genevieve.

— Como te deves regozijar agora — silvou uma. — Estás aqui para testemunhar o nosso assassinio? Ofereceste-te para te prostituíres ao inimigo de forma a assegurar a tua posição?

— Como pudeste? — perguntou a outra. — Há aqui crianças. Sim,

sobretudo mulheres e crianças e os nossos maridos que ficaram para trás, sabendo que as suas vidas estavam, decerto, acabadas.

Outros avançaram, como que para juntarem a sua própria condenação, mas Bowen deu também um passo em frente, colocando-se entre Genevieve e os restantes.

As sobranceiras de Teague aproximaram-se e ele avançou para o lado de Genevieve, mas esta pareceu imperturbável pela animosidade que lhe era dirigida. A sua expressão era passiva e imperscrutável. Emoção alguma brilhava nos seus olhos e ela olhava em frente, as suas feições como que talhadas em pedra.

Seria aquela mulher desumana? Nenhum homem ou mulher vivos seria capaz de suportar os insultos que lhe eram lançados sem qualquer reação. E, no entanto, Genevieve parecia insensível a tudo aquilo.

— Cuidado com a forma como maltratam a vossa defensora — disse Bowen, a sua voz estalando como um chicote sobre o salão.

A multidão ficou num silêncio absoluto.

Aiden e Brodie avançaram, os seus olhares varrendo os McHughs ali reunidos. Não pareciam impressionados. Bowen não via qualquer falha na sua avaliação. Nunca vira grupo mais triste de marginais.

— Defensora? — perguntou uma mulher, quebrando por fim o silêncio.

Ela parecia aterrorizada mas avançou, o seu olhar fixando-se, inquisitivo, em Genevieve.

— É verdade que nos defendeste, Genevieve?

Genevieve não respondeu. O seu olhar fixou-se no da mulher, sem vacilar, mas não respondeu nem que sim nem que não; nem uma coisa, nem outra.

— Ninguém te poderia culpar se te tivesses salvado apenas a ti mesma — acrescentou baixinho a mulher.

Depois os seus olhos encontraram os de Bowen e, embora tremesse, mergulhando rapidamente as mãos nas saias para esconder o quanto tremiam, suportou o seu olhar com coragem.

— Não sei quais são os vossos planos, senhor, mas gostaria de vos pedir duas coisas.

Bowen estudou a jovem rapariga com interesse. Era uma coisinha corajosa, mal lhe chegando aos ombros. Não conseguia avaliar-lhe a idade, embora parecesse ter acabado de entrar na idade adulta. Sem dúvida,

com o tempo, tornar-se-ia uma rapariga espantosa, algo que seria realçado pela sua coragem e pelo seu fogo interior.

O seu cabelo era da cor do trigo banhado pelo luar. E os olhos de um impressionante tom azul-esverdeado que o fazia pensar no mar num dia limpo e ensolarado.

Ela deu mais um passo em frente, e foi então que ele reparou que coxeava ao andar. Um esgar contorceu-lhe os lábios antes que o conseguisse afastar rapidamente. Estendeu a mão na direção de um dos membros do seu clã, e este foi rápido a segurá-la para que não caísse.

— Qual é o teu nome, rapariga? — perguntou Bowen com gentileza, não querendo recompensar-lhe a coragem com um susto de morte.

— Taliesan — murmurou ela, fazendo uma vénia que fez com que Bowen tivesse medo que pudesse cair.

Teria avançado caso ela, de facto, vacilasse, mas o membro do clã voltou a segurá-la com mão firme. Bowen acenou a sua aprovação ao homem mais velho, tomando nota mental da aparência do homem. Bowen nunca esquecia uma boa ação e, mais tarde, garantiria que ele e o homem falariam em privado.

Muito se podia ficar a saber sobre um homem ao observar a forma como tratava os outros. Fora algo que o pai de Bowen lhe ensinara desde tenra idade. Robert Montgomery sempre dissera que as palavras de um homem nada significavam. Mas as suas ações diziam muito e era sempre através das ações que o seu verdadeiro valor podia ser avaliado.

— E que duas coisas me querias pedir, Taliesan? — perguntou Bowen.

As faces de Taliesan ruboresceram e Bowen percebeu que ela se estava a esforçar para não esconder a cabeça. Apertava com a mão o braço do companheiro de clã, mas devolveu a firmeza aos seus lábios e, em seguida, apresentou o seu pedido.

— Queria pedir-vos que mostrásseis misericórdia pelos homens do meu clã. É verdade que Ian e o seu pai, o nosso *laird*, agiram sem honra. Também é verdade que uma mulher inocente sofreu grandemente às suas mãos. Ian foi morto pela mão de Graeme Montgomery, e agora Patrick fugiu deixando o clã entregue a um destino que devia ser o seu.

Taliesan virou a cabeça, percorrendo com o olhar os homens, mulheres e crianças que se amontoavam no salão principal.

— Não temos para onde ir. Não temos outra casa que não seja esta. Estamos dispostos a servir-vos e ao vosso *laird*.

Teague, Aiden e Brodie não se sentiram menos afetados por aquela súplica eloquente do que o próprio Bowen. Mas enfurecia-o que, até àquele momento, as únicas pessoas com coragem para o enfrentar tivessem sido um pobre rapaz e duas frágeis raparigas. Que clã era aquele que permitia que mulheres e crianças combatessem por si? As mulheres e as crianças deviam ser amadas mais do que tudo e protegidas com ferocidade. Chocava-o que fosse concedido tão pouco valor à sua posição no clã.

— E que outra coisa querias pedir, rapariga? — perguntou Bowen, esperando ganhar algum tempo para permitir que as chamas da raiva que sentia esmorecessem. Apetecia-lhe arrastar todos os homens para o pátio e dar-lhes uma valente tarefa.

Taliesan lambeu os lábios e, depois de um olhar nervoso para os membros do seu clã, dirigiu o olhar a Genevieve.

— Queria pedir que Genevieve não fosse maltratada às vossas mãos. Ela já sofreu o suficiente.

As feições de Genevieve ficaram tensas de horror, o primeiro sinal de emoção que exibia desde que tinham entrado no salão.

— Talie, não! — sussurrou rudemente Genevieve. — Por favor, não! Peça-te!

Bowen ergueu as sobrancelhas, surpreendido por aquela rapariga orgulhosa suplicar o que quer que fosse depois da coragem e da altivez que demonstrara. O que poderia não desejar que Taliesan relatasse?

Taliesan relanceou um olhar infeliz a Genevieve mas fez como esta lhe pedia e caiu em silêncio.

Foram lançados olhares desaprovadores na direção de Taliesan. Houve lábios que se retraíram. Narinas que se inflamaram. Olhares hostis dirigidos a Genevieve.

Bowen não sabia, sequer, como responder a tal imagem, embora tivesse a certeza de que Taliesan não pretendia realizar qualquer ofensa. Não só a sua honra tinha sido posta em causa, como estava muitíssimo curioso em relação ao que Taliesan quereria dizer com a sua afirmação críptica. Genevieve, contudo, parecia de tal forma horrorizada que não conseguiu exigir uma explicação, ainda que fosse algo que se sentisse forçado a fazer. Teria tempo suficiente para resolver este mistério mais

tarde. Em primeiro lugar, tinha de deixar claro que não era um monstro sedento de sangue inocente.

— Garanto-te que não tenho qualquer intenção de maltratar Genevieve ou qualquer outra pessoa sob o meu cuidado — disse Bowen, a reprimenda clara na sua voz.

Taliesan corou e baixou os olhos mas não pediu desculpa e, estranhamente, Bowen respeitou-a ainda mais por isso.

— Então o que quereis fazer connosco?

A sobrançelha de Bowen ergueu-se num gesto de surpresa pois, finalmente, um dos homens do clã McHugh encontrara a coragem e falou.

— E eu que pensava que o clã McHugh dependia de mulheres e crianças para travar as suas batalhas — disse Bowen, com desagrado evidente nas suas palavras.

Os homens presentes na sala indignaram-se e ficaram tensos. Os rostos de alguns ficaram vermelhos de raiva, mas outros ficaram pesados de vergonha e desviaram os olhos. Todos sabiam bem o que Bowen queria dizer.

— É uma vergonha enviar um rapaz com uma bandeira de rendição — rosou Teague, falando pela primeira vez. Estava literalmente a espumar de raiva e nojo e, agora que Bowen tocara no assunto, Teague mal podia esperar por dar voz ao seu desagrado.

Aiden e Brodie acenaram, os braços ameaçadoramente cruzados sobre o peito. Brodie, em especial, parecia furioso. Por um momento, Bowen perguntou-se se ele e Teague não teriam, realmente, de intervir, pois Brodie parecia querer agarrar em todos os homens do clã McHugh reunidos no salão e tomar banho no seu sangue.

— E as mulheres falam por vocês — acrescentou Brodie. — Porque é que não estão melhor protegidas? Porque é que lhes cabe a elas enfrentar o vosso inimigo? É vergonhoso! Que tipo de homem não só permite tal coisa como a *encoraja*?

O homem que colocara a questão quanto ao destino dos que ali se reuniam deu um passo em frente, a sua expressão séria e envergonhada. No entanto enfrentou os olhares de Bowen, Teague, Aiden e Brodie sem pestanejar, o queixo erguido como que para lhes transmitir que estava disposto a suportar a sua censura, bem como qualquer retaliação que desejassem levar a cabo.

— Temíamos que, se um guerreiro fosse esperar-vos ao portão, tal fosse entendido como um gesto de desafio e não tínhamos qualquer desejo de travar uma guerra. Sabemos bem que somos menos e pior preparados. Patrick McHugh não era um homem versado no treino. E Ian...

Parou de falar, limpando a garganta em sinal de óbvio desconforto.

— Gostaria de falar livremente se me fosse possível, bom senhor. O que tenho para dizer não é respeitoso, mas não deixa de ser verdade.

Bowen acenou.

— Por favor. Prefiro a tua honestidade. Por que nome te chamam?

— Tearlach McHugh.

— Continua, então, Tearlach.

— Ian era um homem sem honra. Não apenas pela forma como tratava os mais fracos mas também pelas suas táticas na guerra. Preferia apunhalar um homem pelas costas a ter, alguma vez, que o enfrentar numa luta justa. Não fomos treinados, Montgomery. Isso é fácil de ver. Não teríamos qualquer hipótese contra os vossos homens e, por isso, aqueles de nós que ficaram decidiram colocar o seu destino nas vossas mãos e nas do vosso *laird*. Era a nossa única opção. Temos esposas e filhos, e não temos desejo algum de morrer e de as deixarmos sem cuidados e desprotegidas, ainda que possam pensar que não fazemos nenhum dos dois.

Tratava-se de um discurso sincero, um discurso que impressionou Bowen pela sua honestidade. Era claro que o homem não gostava de falar mal do filho morto do seu *laird*, mas apresentara a verdade tal como ela era.

— Agradeço a tua candura e responder-lhe-ei sendo igualmente direto — disse Bowen, varrendo a multidão ali reunida com o olhar.

Genevieve não se tinha mexido. Erguia-se, imóvel como uma estátua, as mãos rigidamente sobrepostas à frente do corpo. E os olhos pareciam tão distantes que Bowen duvidou que ela fizesse ideia do que se estava a passar à sua volta. Era como se, apenas por um momento, se tivesse transportado para outro lugar.

A face desfigurada estava virada para o lado oposto e ele maravilhou-se com o quão bela era de perfil. Nunca vira uma mulher capaz de rivalizar com ela e, no entanto, quando ambos os lados do seu rosto estavam visíveis, era surpreendente a forma como essa beleza se transformava em algo digno de pena.

Eram muitas as perguntas que queria fazer, mas nenhuma se adequava à ocasião. Não se podia dar ao luxo de ser distraído do seu objetivo. O irmão atribuíra-lhe aquele dever e Bowen cumpri-lo-ia a todo o custo.

— O meu irmão, *laird* Montgomery, está com a sua esposa, Eveline, que Ian capturou e de quem abusou rudemente. Permanecerá ao seu lado até que esteja convencido de que ela recuperou por completo e de que está segura em relação a todas e quaisquer ameaças. Patrick McHugh é uma ameaça a Eveline e tanto ao clã Montgomery como ao clã Armstrong. E não toleraremos qualquer ameaça.

As pessoas, apertadas umas contra as outras no salão, começaram a ficar ainda mais nervosas. A sua agitação tornou-se evidente quando se começaram a remexer e a trocar olhares amedrontados.

— Reclamo este domínio e tudo o que pertence a Patrick McHugh para o meu *laird* até ao momento em que este decida o que será feito com as terras, a fortaleza... e as pessoas.

Bowen ergueu uma mão quando todos começaram a falar ao mesmo tempo.

— O meu irmão é um homem justo e razoável. Não nos deem, a mim e a ele, motivos para vos considerarmos inimigos e ficarão bem. No entanto, agirei como *laird* e o meu irmão ajudar-me-á a compilar um relatório completo quanto ao funcionamento deste domínio e destas terras, para que o possa transmitir a *laird* Montgomery e para que ele possa determinar o que será feito. Se trabalharem com afinco e não me derem motivos para duvidar da vossa lealdade não terão problemas. Se traírem a minha confiança, serão castigados de forma célere e severa. Não haverá segundas oportunidades. Estamos entendidos?

Ouviram-se murmúrios de «Sim» e viram-se semblantes carregados por todo o lado. Uns temerosos. Outros ressentidos. Alguns furiosos. No entanto nem um McHugh expressou o seu desacordo.

Bowen olhou de relance para Taliesan, bem como para Genevieve, para avaliar a sua reação às fortes palavras que proferira, mas nenhuma das raparigas olhava, sequer, na sua direção.

Taliesan tinha-se colocado atrás do homem mais velho que a segurara quando estava prestes a cair e Genevieve erguia-se, tensa, a uma curta distância. Parecia uma estátua. Fria e imponente, como se não sentisse absolutamente nada. No entanto, Bowen sabia que isso não era ver-

dade. Tinha visto a emoção a brilhar nos seus olhos por breves instantes, naquele momento de distração. Pressentia que, sob a fachada gelada que apresentava ao mundo, se encontrava uma mulher ferosa, apaixonada, que fervia de emoções fortemente contidas.

Afastando os pensamentos e a distração que Genevieve representava, virou-se para Teague, Aiden e Brodie.

— Temos de avaliar a situação rapidamente. Não gosto de deixar o meu irmão e a sua esposa, nem a vossa família — disse a Brodie e Aiden —, sem a proteção adequada, e temos connosco toda a força dos nossos exércitos. Não precisamos de tantos homens.

Teague acenou o seu acordo. Depois olhou de relance para os McHugh, que ainda observavam os quatro homens com temor.

— Regressemos para junto dos nossos homens e discutamos o que iremos fazer — disse Teague. — Não quero que todos os McHugh ouçam a nossa conversa.

Capítulo 4

Mal o guerreiro Montgomery abandonou a sala os ombros de Genevieve cederam e, pela primeira vez, permitiu que o seu olhar deslizesse pelos McHughs ali reunidos.

Se esperava encontrar nos seus olhos quaisquer remorsos pelo facto de a terem avaliado mal estava muito enganada. O que encontrou foi a normal mistura de nojo, desaprovação, claro desprezo, pena — sim, pena de alguns — e confusão, porque muitos dos McHughs continuavam sem perceber porque é que ela não os tentara matar enquanto dormiam.

Havia apenas um McHugh com cuja morte sofrida e demorada sonhara. Na verdade, tinha ficado dececionada quando Graeme Montgomery acabou tão rapidamente com a vida de Ian McHugh. Não fora suficientemente sangrento. Ou suficientemente doloroso. Ian merecia sofrer porque se tratava de um ser humano horrível que não merecia misericórdia ou clemência.

Era uma pena que a única preocupação de Graeme tivesse sido levar a sua esposa para um local seguro e, como tal, tivesse despachado Ian com uma precisão implacável para que este deixasse de ser uma cruz na vida de todos.

Genevieve gostaria de, um dia, agradecer pessoalmente ao *laird*,

mas ser-lhe-iam colocadas demasiadas questões, às quais não queria responder, caso fizesse algo tão pouco feminino e que ficasse tão mal a uma rapariga de boas famílias como oferecer os seus sinceros agradecimentos pela morte de outro homem.

— Genevieve?

Genevieve afastou os seus pensamentos sangrentos e pestanejou rapidamente para trazer a sua atenção de volta ao presente. Taliesan erguia-se à sua frente, as feições delicadas tensas de preocupação.

Genevieve suspirou. Taliesan era a coisa mais parecida com uma amiga que ela tinha — não que Genevieve não tivesse tentado permanecer reservada e distante. A última coisa que Genevieve queria era um qualquer relacionamento com aquelas pessoas.

Não, elas não tinham culpa dos atos de Ian McHugh, mas Genevieve sentia rancor pela situação que lhe tinha sido imposta, e qualquer ofensa sofrida às mãos dos McHughs tinha aumentado a sua determinação de nunca estabelecer quaisquer laços. Queria desaparecer daquele lugar. Ir para onde pudesse ficar só e, então, talvez conseguisse esquecer o último ano da sua existência e pudesse encontrar a paz.

Que criatura tão esquivia. Paz e felicidade eram coisas que tinha, há muito, tomado como certas, protegida no seio adorado da sua família.

Mesmo agora, recordá-la era o suficiente para lhe provocar uma dor violenta no peito. A tristeza pesava sobre ela como se levasse às costas um monte de pedras.

Há um ano estava tão feliz! Era tão ingénua, estava convencida que nada de mal lhe poderia acontecer. Ian McHugh tinha provado que ela estava errada e mudara-a, irrevogavelmente, de uma jovem rapariga repleta de ilusões, pronta a enfrentar os desafios da vida com um sorriso e uma gargalhada, para uma mera concha do seu antigo ser. Uma pessoa que jamais poderia recuperar.

— O que foi, Taliesan? — perguntou Genevieve docemente, sem permitir que a sua raiva lhe invadisse a voz.

Taliesan era uma rapariga doce que enfrentara a adversidade e permanecera tão boa como um anjo apesar da sua deficiência.

— Preocupo-me contigo, Genevieve — disse Taliesan em voz baixa. — Não fazemos ideia que tipo de homem será este Bowen Montgomery. Dizem que o *laird* Montgomery é um homem justo. É óbvio que tem um grande afeto pela esposa. Também dizem que a trata com grande respei-

to e exige o mesmo de todos os que o rodeiam. Nas suas mãos, não me preocuparia com o destino que te está reservado.

Genevieve estendeu a mão para tocar no braço da outra mulher.

— Não é uma preocupação tua, Talie.

— Mas é — disse Taliesan com ardor. — O meu clã foi dolorosamente injusto para contigo. O que sofreste às mãos de Ian faz com que me apeteça chorar. Achas que não sei tudo o que ele te fez? Tudo o que te fez sofrer? E o meu clã não é melhor, porque eles sabem. Eles *sabem* e, no entanto, viram as costas porque sabem que nada fizeram para parar Ian. Tal como Patrick nada fez para parar o filho. E por isso optam por desdenhar-te, porque reconhecer que és uma vítima seria reconhecer que eles permitiram que assim fosse.

As faces de Genevieve ruboresceram de calor, e sentiu-se mal por ouvir afirmar com tanta clareza o quão evidente era tudo aquilo a que Ian a tinha submetido. Tinha pensado que a sua humilhação não podia ser mais profunda. Estava enganada.

O facto de todos o saberem deixava-a doente. O facto de Taliesan sentir, tão claramente, pena dela era mais do que Genevieve podia suportar. Ansiava por partir. Para onde pudesse ser outra pessoa. Para que Genevieve McInnis pudesse morrer em silêncio, como se acreditava que tinha acontecido no passado.

— Não interfiras — disse Genevieve com firmeza. — É melhor que te concentres em ti e nos teus. Não te preocupes comigo. Sobrevivi ao pior. Nada me poderá ser feito que seja pior do que o que sofri às mãos de Ian.

— Não te posso virar as costas — disse Taliesan, a sua voz carregada de emoção. — Não vou ignorar o teu sofrimento, como outros fizeram.

— Talie, por favor — suplicou Genevieve baixinho. — Rezo para que Bowen Montgomery seja tão justo quanto se diz ser o seu irmão, e que me permita viajar para um convento onde possa procurar refúgio e reclusão.

— Oh Genevieve, não! — disse Taliesan num sussurro de choque. — Então e a tua família? És jovem e tens toda a vida pela frente.

Genevieve abanou a cabeça, a tristeza apertando-lhe implacavelmente o coração.

— É melhor que a minha família me acredite morta, como lhes foi relatado há um ano. Nunca seria capaz de os encarar. Nunca seria ca-

paz de os envergonhar tanto. Homem algum me vai querer, a prostituta de Ian McHugh. Nunca conseguiria um casamento vantajoso. Seria um fardo para o meu pai e a minha mãe até ao fim dos seus dias. O coração da minha mãe partir-se-ia e nunca mais poderiam encarar a corte de cabeça erguida. Não, é melhor assim pois eles já me choraram e eu morri com honra. Prefiro-o a viver em vergonha e a trazer a desonra à minha família.

As lágrimas encheram os olhos de Taliesan.

— Odeio-o pelo que te fez.

As narinas de Genevieve abriram-se.

— Também o odeio, mas é uma emoção desperdiçada, pois agora está morto e não mais voltará a magoar os que são mais fracos do que ele. É chegada a altura de reunir os pedaços que restam e, se Deus quiser, encontrar... a paz.

— Não descansarei enquanto não estiveres feliz e em boa situação — resmungou Taliesan entre dentes.

Genevieve sorriu e entrelaçou os seus dedos nos de Taliesan, apertando a mão da outra mulher.

— Acho que poderíamos ter sido grandes amigas — disse Genevieve com tristeza. — Sim, considerar-me-ia deveras afortunada por ter uma amiga como tu.

Os lábios de Taliesan formaram uma linha tensa, de desafio.

— Eu *sou* tua amiga.

Genevieve abanou a cabeça.

— Não, é melhor assim. Não quero que sofras a condenação do teu clã por te teres associado comigo. Não sabes a importância de tais coisas. Bastam algumas palavras certas para destruir a reputação de uma rapariga e arruinar as suas hipóteses de casar, ter filhos ou um futuro, seja ele qual for. Ouve as minhas palavras, Talie. Tem cuidado com quem te alias.

— Falas sobre a desonra e sobre morrer com honra por oposição a viver com vergonha. Não há maior desonra do que escolher as minhas lealdades de acordo com o que posso perder ou ganhar com elas. Se casar, ter um marido, filhos, ou um futuro seguro me puderem ser negados por ter escolhido dar a minha amizade a uma mulher com mais honra na sua alma do que o mais poderoso dos guerreiros, então não tenho desejo de tais coisas!

Os olhos de Genevieve abriram-se muito perante a determinação e a sinceridade absoluta do discurso exaltado de Taliesan. Não tinha resposta. O que é que lhe poderia dizer?

— Nesse caso agradeço-te — disse Genevieve baixinho, a emoção a encher-lhe as palavras. — Será para mim uma honra chamar-te amiga enquanto permanecer nestas terras.

Taliesan sorriu e abanou a cabeça.

— Não, Genevieve. Seremos amigas, vás para onde fores. É assim que funciona a amizade.

Num gesto impulsivo, Genevieve puxou Taliesan para um abraço apertado. Fechou os olhos, saboreando o contacto com a outra mulher. Já há tanto tempo que não sentia o conforto de outra pessoa. Algo tão simples quanto um abraço. O apoio da amizade. Um apoio inabalável — e leal.

Todas as coisas que pensara estarem há muito perdidas.

Durante um ano inteiro, Genevieve conhecera apenas a brutalidade do toque de outro. Ian não permitira que mais ninguém lhe tocasse, a menos que fosse para lhe causar dor e humilhação. Guardara-a ciosamente, como um brinquedo preferido com o qual só ele se podia divertir. Fora o ano mais solitário da vida de Genevieve. Mudara-a, e ela não gostava da pessoa em que se transformara.

Genevieve largou lentamente Taliesan, relutante em cortar aquele laço ainda que momentaneamente. Tinha fome das coisas mais simples. Do toque humano. Do riso. De um sorriso. Do mais pequeno momento de felicidade. Afeto. Camaradagem. Todas as coisas que gozara ao crescer nos braços da família que a amava.

Taliesan agarrou as mãos de Genevieve e apertou-as.

— O que achas que será de nós?

— Não sei — disse Genevieve honestamente. — A raiva deles é dirigida a Ian e ao nosso *laird*. Ian está morto e o *laird* partiu deste lugar. Duvido que regresse. De nada serviria descarregarem a sua ira sobre os membros do clã McHugh. Eles sabem bem sobre quem recai a responsabilidade da injustiça de que Eveline Montgomery foi vítima.

Muitos McHughs tinham parado para ouvir a cuidadosa explicação de Genevieve e, embora jamais o reconhecessem, podia ver-se o alívio nos seus olhos ao compreenderem que as suas palavras faziam sentido. A esperança substituiu o medo.

Havia outros que eram mais diretos e que estavam determinados a não poupar Genevieve a toda a humilhação.

— O que sabe a prostituta sobre a forma como pensa um homem?
— disse Claudia McHugh com desdém.

Um dos McHugh que se encontrava perto de Claudia riu.

— Conhece o seu pensamento num aspeto. É um facto bem conhecido que abria as pernas para Ian e para qualquer outro que estivesse presente.

Claudia e duas outras mulheres riram, trocistas.

— Sim, nisso tens razão. Mas prostituir-se é tudo o que a rapariga sabe. Se os irmãos de Graeme Montgomery procuram prazer, a rapariga abrir-lhes-á rapidamente as pernas. Aos Armstrongs também, aposto.

— Com uma cara daquelas, uma rapariga tem de compensar de outras formas. Se for suficientemente boa de costas, não importa o aspeto da sua cara. Um homem pode fechar os olhos.

Ouviram-se mais gargalhadas e Genevieve morreu um pouco mais. Pouco a pouco iam-na privando de tudo o que era e, em breve, não haveria nada para salvar.

Então um som atrás de Genevieve fê-la virar-se e o sangue abandonou-lhe o rosto quando viu que Bowen Montgomery se erguia a curta distância, flanqueado pelo irmão, bem como pelos dois irmãos Armstrong.

Era igualmente óbvio que os quatro homens tinham ouvido o comentário de Claudia, bem como as palavras do McHugh.

O desespero encheu-lhe o coração e ameaçou explodir-lhe no peito. Queria chorar mas há muito esgotara as lágrimas, e estas de nada lhe serviriam. Nunca tinham servido.

Nunca tinha desejado com tanta força que o chão se abrisse para a engolir. Nunca tinha desejado com tanta força que a tivessem assassinado no ataque que levava o resto da sua escolta.

Para o mundo, Genevieve McInnis estava morta há muito e, agora, desejava com todo o seu coração que isso fosse verdade. Só então seria capaz de escapar ao inferno que era a sua existência quotidiana.

Capítulo 5

As narinas de Bowen abriram-se e os seus lábios estremeceram quando ele fitou Genevieve, observando-a enquanto a vida lhe fugia literalmente do corpo, dos olhos, da alma.

Nunca antes vira a morte no olhar de alguém que não tivesse sido mortalmente ferido. Os seus olhos, contudo, *estavam* feridos. O golpe mortal fora metafórico, mais do que literal, mas tinha infligido igual dano.

Toda a cor lhe fugiu do rosto. Estava perigosamente pálida e abanava como uma árvore nova ao vento.

As lágrimas encheram-lhe os olhos, e ele apercebeu-se que ela estava a morder o interior da bochecha numa tentativa para as refrear. Levou a mão ao rosto, tapando a cicatriz quase como se procurasse escondê-la dos olhares e dos juízos dos outros.

Ali estava uma mulher que odiava ser fraca perante os outros e, no entanto, tinha sido ultrapassado um limite perante o qual não podia fingir indiferença.

O maxilar de Teague estremeceu e ele fitou os McHughs de língua afiada com uma intensidade mortal.

Bowen esperou, certo de que Genevieve se defenderia, e talvez

por querer saber o que ela diria. Ela não lhe parecia uma mulher que tivesse problemas em dizer o que pensava. Sem dúvida que o fizera consigo.

Em vez disso, avançou rigidamente para lá dele, o passo lento e sofrido, como se precisasse de usar todas as suas forças só para continuar em pé. Era o andar de uma mulher muito mais velha, uma mulher mirrada pela idade, o peso de toda uma vida sobre os seus ombros.

Teague fitava, incrédulo, os McHughs que a tinham ofendido. Brodie e Aiden franziram o sobrolho, e depois Brodie avançou na direção de Genevieve mas esta ergueu os olhos de relance e, quando viu que Brodie dera um passo em frente, ficou ainda mais tensa e estugou ainda mais o passo para sair do salão.

Bowen abanou a cabeça, ainda incapaz de acreditar na animosidade aberta dirigida a uma mulher que deveria inspirar piedade nos restantes. Não um ódio tão grande.

A cicatriz era tão nítida contra a pele pálida que, de facto, parecia mais morta do que viva.

— Que raio foi isto? — perguntou Brodie, o maxilar tenso de raiva.

Avançou na direção de Taliesan e esta recuou tão depressa que a perna aleijada cedeu. Os seus membros emaranharam-se e ela caiu com força.

— Brodie — disse Bowen com voz forte. — Estás a assustar de morte a rapariga.

Brodie franziu ainda mais o sobrolho mas parou o seu avanço e, depois, para óbvia confusão de Taliesan, inclinou-se e agarrou nela, ajudando-a a endireitar-se de novo.

— Estás magoada? — perguntou Brodie. — As minhas desculpas, minha senhora. Não foi minha intenção assustar-te. Estou furioso com o que acabo de testemunhar e confuso por ninguém o ter impedido.

Taliesan engoliu em seco, com um esforço visível, os seus olhos saltando nervosamente pelos quatro homens que se erguiam à sua frente.

Atrás de Taliesan, os seus verdugos afastavam-se discretamente na direção oposta mas Bowen chamou-os.

— Não sairão daqui sem a minha permissão — disse, num tom gelado. — E não a darei até que me seja dada uma explicação para o aviltamento da rapariga.

Os lábios do McHugh moveram-se num gesto de desdém e a raiva iluminou os olhos da mulher. Fervia visivelmente e levou as mãos às ancas.

— Não é aviltamento, se se trata da verdade — disse a mulher num tom altivo.

— E no entanto ela defendeu-vos — disse Bowen baixinho. — Pergunto-me por que se terá dado a tal trabalho.

A mulher corou, o seu rosto ficou vermelho. Baixou os olhos de vergonha, e o homem moveu-se, desconfortável, ao seu lado.

— Ela não passa da prostituta de Ian — murmurou o homem.

Bowen trocou um olhar com Teague, Brodie e Aiden. Depois o seu olhar fixou-se em Taliesan. Era óbvio que não encontraria ali quaisquer respostas. Pelo menos respostas que o satisfizessem.

— Para onde terá ido Genevieve? — perguntou Bowen.

O irmão parecia surpreendido. Brodie parecia perplexo com a pergunta de Bowen, e Bowen achava-se capaz de compreender a sua confusão. Tinha mudado o tema da conversa de forma deveras abrupta. A verdade, contudo, era que não conseguia ficar perante os verdugos de Genevieve. Que tipo de pessoas procuraria humilhar outra daquela forma?

Tinham de determinar o que fazer com o domínio McHugh, bem como qual seria o destino dos membros do clã, mas o que o preocupava era o paradeiro de uma rapariga. Nem ele sabia porque é que tinha feito tal pergunta, mas a expressão do seu olhar, a absoluta desolação que lhe roubara a cor do rosto, ainda o perseguiam.

— Ela passa muito tempo sozinha — sussurrou Taliesan. — Normalmente no seu quarto.

— E onde fica o quarto dela? — perguntou Bowen, pacientemente.

— Fica ao cimo das escadas — gaguejou Taliesan. — Ao fundo do corredor, na torre. Ao lado do quarto de Ian.

Bowen apercebeu-se da hesitação na voz dela, viu a forma como o seu olhar deslizou para o lado ao mencionar a proximidade do quarto de Ian.

Perguntou-se quanta verdade existiria nas provocações dos outros. A ideia de que aquela mulher tivesse sido amante de Ian dava-lhe a volta ao estômago. Como poderia ter-se entregue de livre vontade a um abusador de mulheres? Sabia bem o que tinha acontecido a Eveline. Fora ela

quem guiara Graeme para a masmorra. E, no entanto, tinha entregado de livre vontade o corpo a um tal monstro?

O nojo que sentiu quase o sufocou.

Olhou de relance para Teague.

— Pede a Taliesan que te mostre o domínio. Assegura-te de que não sofre qualquer dor ou ferimento.

Taliesan corou, os olhos turvos de embaraço pela referência direta que Bowen fizera à sua perna aleijada.

— Seria boa ideia que acompanhassem Teague — disse a Brodie e Aiden. — Encontramo-nos no pátio depois de terem visto tudo o que há para ver. Reúnam os membros do clã para que possamos falar com todos os que aqui residem.

— E onde é que tu vais? — perguntou Teague, as sobranceiras unidas enquanto fitava o irmão mais velho.

— Tenho assuntos a tratar com Genevieve — disse Bowen.

Genevieve estava sentada, tensa, no pequeno tapete que lhe servia de cama. Não se tinha dado ao trabalho de acender uma vela nem de afastar as peles que cobriam a janela o suficiente para que o quarto fosse banhado pela luz.

Estava finalmente a quebrar e sentia-se espantada por isso não ter acontecido mais cedo. O horror do último ano teria quebrado até a mais forte das pessoas e, no entanto, ela estava determinada a nunca ceder em frente de Ian.

Isso enfurecera-o. Ele queria quebrá-la, tornara-se obcecado com a descoberta de novas formas de a humilhar, de a magoar, de a diminuir e aviltar.

Tornara-se imune aos comentários dos outros e Ian permitira que eles falassem com ela e *sobre* ela como quisessem. Podiam olhar, mas não podiam tocar. Podiam atormentá-la, mas ela era um bem de Ian — obsessivamente cobiçado ao ponto da loucura.

Ela existia num mundo que se tornara o seu inferno público e privado. Nos primeiros meses passara tempos infintos a perguntar-se: Porquê? Porque lhe estavam a fazer aquilo? Vivia obcecada por tentar descobrir que pecado cometera para merecer tal tratamento. Os animais eram tratados com mais consideração do que ela.

Todas as palavras, todos os comentários, todas as piadas a tinham afetado. Até ao dia em que se tornara imune a tudo aquilo. Preocupava-a, vagamente, o facto de se ter tornado tão... desumana. Como uma coisa. Um fantasma sem sentimentos, sem emoções. O seu corpo permanecia ali mas o seu espírito tinha partido há muito.

Mas de que outra forma poderia sobreviver? Mais do que isso, porque é que estava tão determinada a sobreviver? Parecia tão tolo que o seu orgulho não tivesse permitido que Ian a quebrasse por completo. Não lhe daria, nem ao seu clã, a satisfação de saberem que a tinham destruído por completo. Não, iria sobreviver, e depois de deixar aquele lugar? Depois podia morrer ou não morrer. Sobreviver ou não sobreviver. Não importava, porque ninguém saberia.

Inspirou rapidamente, por várias vezes, o ar que tentava abandonar o seu corpo em torrentes roucas que a agitavam. Quase perdera o controlo das suas emoções no salão, em frente de todos.

A sua humilhação fora tão grande que quase tinha sido levada às lágrimas. Deixar que tudo se desfizesse e abandonar-se, finalmente.

Graças a Deus que não o fizera. Graças a Deus que tinha mantido a compostura durante tempo suficiente para procurar refúgio no seu pequeno quarto, que era o seu único santuário. Se ao menos pudesse bloquear a porta face ao mundo, mas Ian não lhe permitira qualquer ferrolho, qualquer fechadura, quaisquer aros onde colocar uma trave de madeira para manter a porta fechada.

Não tinha qualquer privacidade para além da que lhe era concedida pelos outros. Não tinha direitos nem privilégios, nem mesmo os mais básicos, nem mesmo as coisas mais inconsequentes que os outros tinham como certas.

O tapete era duro e desconfortável. Sentia um formigueiro doloroso na perna tornada dormente pela posição incómoda em que se sentara, por isso ergueu os joelhos até os poder abraçar contra o peito e curvou-se para a frente para poder pousar o rosto sobre eles.

Fechou os olhos e perguntou-se que acordo poderia fazer com Bowen Montgomery para conquistar a liberdade que desejava mais do que tudo.

Possuía apenas uma aptidão que poderia interessar a um homem como Bowen Montgomery — se é que se lhe podia chamar aptidão. E a ideia de se prostituir *por sua vontade* deixava-a doente ao ponto de o seu estômago se rebelar e protestar veementemente.

No entanto, que mais poderia fazer? Que mais tinha para oferecer?

Nada.

O que era mais uma cópula quando comparada com a conquista da liberdade? Decerto Bowen não podia ser tão bruto quanto Ian. Havia gentileza nos seus olhos. Não tinha pensado nisso. Talvez ele fosse gentil com ela ou, pelo menos, não tão sádico quanto Ian.

Era uma esperança a que se podia agarrar quando não tinha mais nada.

O medo assolou-a quando se lembrou do irmão de Bowen e dos dois guerreiros Armstrong que os acompanhavam na sua demanda. E se também exigissem os seus serviços? E se Bowen a quisesse partilhar com eles?

Um gemido abafado escapou dos seus lábios. Era um som digno de pena, que se parecia com um lamento sem alma. Fechou a boca com força, recusando entregar-se ao desespero abjeto que a apertava.

Não podia desistir. Não agora. Não quando sobrevivera a tanto.

Tinha esperança, por improvável que isso pudesse ser. Era mais do que tivera no passado. Ian estava morto. Não a podia magoar, não a podia controlar, não mais. Agora tinha apenas de acreditar que nem todos os homens eram tão maus quanto Ian. E rezar a Deus para que estes não provassem que estava errada.

Capítulo 6

Bowen erguia-se à porta do quarto de Genevieve, olhando através da frincha de cerca de oito centímetros para o local onde ela estava, sentada num tapete de dormir gasto.

As pernas dela estavam puxadas contra o peito num gesto protetor e ele perguntou-se se ela tinha noção do quão vulnerável uma tal posição a fazia parecer.

Depois ela soltou um lamento baixo, de tal forma repleto de desespero que lhe envolveu a garganta, apertando até lhe ser difícil respirar.

Bowen hesitou, sentindo que a sua determinação em falar com ela vacilava. A rapariga estava a sofrer. Em privado. Longe de olhares indiscretos e depreciação dos outros. Ele devia afastar-se e não dar a entender que ali tinha estado.

Mas não era capaz. Não fazia sentido que se sentisse fascinado por aquela rapariga em particular. Ela intrigava-o. Era um mistério que estava determinado a deslindar.

E estava em dívida para com ela, pela ajuda que prestara ao irmão na localização de Eveline. Sim, estava, e ele não deixava dívida alguma por saldar.

Empurrou a porta, abrindo-a mais, e deu um passo em frente. Como ela não se mexeu limpou a garganta alertando-a para a sua presença.

A cabeça dela ergueu-se de repente, os olhos brilhando de susto. A sua postura tornou-se imediatamente defensiva de uma forma tão automática que lhe pareceu que ela tinha muita prática em defender-se. Esse pensamento fê-lo franzir o sobrolho.

— Porque é que aceitas que te façam aquilo? — perguntou, sem meias medidas, pois não havia forma subtil de perguntar o que queria saber.

Os olhos dela abriram-se ainda mais, como se não conseguisse acreditar que ele tinha sido tão direto.

— Porque é que aceitas os seus abusos e permites que as suas palavras passem sem censura? Não me pareces uma rapariga demasiado fraca.

Ela ergueu um ombro num gesto delicado que a envolveu num ar de absoluta derrota. A exaustão nadava-lhe no olhar e havia nele tamanha resignação que Bowen estremeceu.

Nunca ele vira olhos tão expressivos e não tinha a certeza de que lhe agradassem. Cada emoção era visível naquelas piscinas verde-água. O seu estoicismo inicial tinha desaparecido e ele compreendia agora o quanto ela tinha de trabalhar para manter o seu rosto inexpressivo. A fachada desmoronara-se. Bastava um olhar atento para saber exatamente o que ela estava a sentir. Nunca seria uma boa guerreira. Revelava demasiado.

— Eles não dizem mais que a verdade — disse ela, com a voz frágil. — Devo insurgir-me contra eles por se atreverem a dizer a verdade?

Bowen franziu o sobrolho, o estômago revoltando-se perante tal pensamento. E, no entanto, não o conseguia aceitar por completo.

— Foste a prostituta de Ian McHugh?

Ela estremeceu perante o arrojado da pergunta, mas Bowen nunca fora de rodeios. Graeme era muito melhor no que dizia respeito a adoçar as palavras. Bowen tinha o hábito desconcertante de dizer o que pensava.

Depois ela ergueu o olhar para o dele e ele pestanejou perante o marasma que tomara o lugar da torrente de emoções. Era como se alguém tivesse abafado uma vela acesa, mergulhando uma divisão na obscuridade.

— Sim, eu era a prostituta de Ian McHugh — disse ela, amargamen-

te. — É do conhecimento comum. Perguntai a quem quiserdes na fortaleza. Todos vos dirão que assim é.

Bowen não conseguiu evitar a expressão que o seu rosto assumiu nem o desagrado que lhe invadiu a boca. Abanou a cabeça, incapaz de compreender porquê.

Ela ergueu-se do tapete e afastou-se alguns passos antes de se virar, os braços dobrados sobre o peito. Uma vez mais, ele apercebeu-se do carácter protetor da sua postura. Era como se cada movimento seu tivesse por único objetivo a autopreservação.

— Queria falar convosco sobre uma questão pessoal — disse ela em tom cuidadoso.

Perplexo pela abrupta mudança de assunto, ele limitou-se a acenar, curioso com o que a rapariga lhe iria dizer.

— Não desejo continuar aqui — disse ela. — Não tenho para onde ir. Não tenho família que me ajude. Os McHughs não são meus parentes e não se preocuparão com o que me possa acontecer. Não posso depender da sua generosidade para me sustentar.

Bowen ia interrompê-la, dizer-lhe que os McHughs tinham pouco controlo sobre o que acontecia na sua fortaleza, mas Genevieve continuou numa voz trémula, único sinal do quão perturbada se encontrava.

— Por favor, bom senhor, deixai-me continuar antes que a coragem me abandone.

Bowen acenou a sua concordância e Genevieve inspirou fundo. Virou o rosto, de tal forma que a face desfigurada ficou escondida do seu olhar. Ele não sabia se ela o fazia de propósito ou se se tratava de uma tentativa instintiva de esconder aquela parte de si.

— Eu gostaria de procurar refúgio num convento, mas precisaria de transporte... e dinheiro... nenhum dos quais possuo — sussurrou ela. — Ajudei o vosso irmão e, ainda que não o tenha feito por tal motivo, ficar-vos-ia agradecida se pudésseis garantir a minha entrada no convento.

As sobranceiras dele aproximaram-se enquanto a fitava incrédulo. Era a última coisa que ele a imaginara a pedir.

As suas mãos moviam-se nervosamente e ela tocou, constrangida, a face desfigurada imediatamente antes de puxar o cabelo para a frente de forma a esconder a cicatriz.

— Estou disposta a ficar enquanto a minha ajuda vos for necessária

para assumir a liderança sobre o clã McHugh. Posso dar-vos informação. Também vos posso dar... alívio.

O rosto dela corou e o seu olhar caiu para o chão. Limpou as mãos às saias do vestido, uma e outra vez, enquanto esperava.

— Alívio? — repetiu ele, sem saber ao certo o que ela lhe acabara de oferecer. Tinha uma ideia, mas decerto não poderia ser.

— Agiria como vossa amante — disse bruscamente. — Durante tanto tempo quanto o que necessitardes, desde que no final da nossa... relação... me escoltásseis para um convento, para que eu possa tentar lá entrar.

Ele fitou-a, a boca aberta de incredulidade. E depois riu, que outra opção lhe restava? Ela falava de entrar para um convento e, na frase seguinte, oferecia-se para se prostituir a ele.

Talvez não tivesse acreditado por completo na verdade do que ela era para Ian senão naquele momento. Ela negociava o seu corpo como uma prostituta experiente e ele sentia-se enojado pela ideia de que ela se pudesse vender a ele, regateando como se se tratasse de uma banal troca de bens e serviços.

O rosto dela ficou ainda mais vermelho, e os seus olhos brilharam de... mágoa? Como é que ela se podia sentir magoada? Nada naquela mulher fazia sentido para Bowen, e parecia-lhe que jamais a compreenderia completamente. O mais certo é que ficasse furioso por tentar compreender o funcionamento interno da sua mente.

— Sei que não sou agradável de se ver — disse ela baixinho. — Não vos culpo pelo vosso nojo. Dizem que tenho perícia na... cama.

Ela tossiu a última palavra como se a estivesse a sufocar. A cor fugira-lhe do rosto e ela parecia doente.

Credo, aquilo ficava mais confuso a cada instante. Agora a rapariga estava convencida que o nojo que ele sentira estava relacionado com a cicatriz que exibia no rosto.

Ele suspirou, furioso com tudo aquilo. E mais do que um pouco chocado pelo facto de ela se lhe ter oferecido sem qualquer pudor. Ela não mostrara pitada de amor-próprio.

Sim, isso não o deixava apenas zangado. Deixava-o francamente furioso.

— Não tens mais orgulho? — perguntou ele. — Ofereces-te a todos os homens que se cruzam no teu caminho, ou faze-lo por te

encontrares sem protetor, agora que o teu amante morreu? Qualquer homem serve?

Ela ficou completamente lívida.

— Protetor?

Uma gargalhada rude, seca, escapou da sua boca, o som gutural e feio no silêncio. Ele pensava que ela ia dizer mais qualquer coisa mas ela fechou a boca e fixou nele um olhar firme.

Os olhos dela estavam frios, sem sentimento. A fachada estava de novo erguida. Não refletia qualquer emoção. Era como olhar para as águas de um lago gelado no inverno.

— Que dizeis, Bowen Montgomery? Aceitais a minha proposta? Estamos de acordo ou não?

Ele abanou a cabeça, um fel desagradável na boca.

— Não tenho qualquer desejo pelos restos de Ian McHugh.

Bowen girou sobre os calcanhares e saiu do quarto a passos largos mas não antes de ver um relampejo de angústia a tomar o lugar da frieza nos olhos dela.

Capítulo 7

Bowen atravessou a fortaleza a passos largos e chegou ao pátio. O salão estava vazio e imerso num silêncio fantasmagórico. Tinham sido convocados por Teague para tomarem conhecimento do seu destino.

Era uma confusão dos diabos. Nem sequer havia grande coisa para reclamar. Patrick tinha fugido e levado consigo tudo o que existia nos cofres, deixando os membros do seu clã para se defenderem sozinhos.

O ato cobarde era incompreensível pois, quando um homem ocupava a posição de *laird* do seu clã, jurava cuidar e proteger todos os que se encontravam sob a sua alçada.

O que haveria Bowen de fazer com os McHughs e com o que restava da fortaleza? Teria de pedir abastecimentos a Graeme, bem como dinheiro para poder cuidar dos que ficassem.

Avançou para a luz do Sol e observou os membros do clã que ali se reuniam. Mal a sua presença foi detetada todos os olhos se fixaram nele. Havia mais McHughs do que Bowen tinha pensado. Nem tantos quantos presumira tinham acompanhado Patrick na sua fuga, talvez soubessem que era o melhor que faziam.

No entanto, a sua riqueza desaparecera. A maior parte dos cavalos e das cabeças de gado tinham sido levados. E agora Bowen deparava-se com uma grande confusão para resolver.

Encontrou Teague, Aiden e Brodie, que se erguiam nos degraus que davam acesso à fortaleza. Pousou a mão no ombro de Teague para se poder dirigir ao irmão.

— Gostaria de te enviar a Graeme com um relato do que aconteceu. Precisamos de abastecimentos, dinheiro e alimentos. Graeme vai precisar de saber exatamente o que aqui se passou e tomar uma decisão sobre o assunto. Enviarei através de ti a minha opinião mas, em última análise, a escolha será dele. O rei também precisará de ser informado. Os rumores correm depressa nas Terras Altas e eu preferia que Graeme e o nosso rei tomassem conhecimento da verdade em primeira mão.

Teague acenou a sua concordância mas, depois, franziu o sobrolho e virou-se para Aiden e Brodie.

— Pensámos que poderiam regressar às terras do vosso pai e levar convosco os vossos soldados. Eu devolverei parte do nosso exército ao meu irmão para que o clã não fique desprotegido.

Brodie acenou.

Teague olhou de relance para Bowen e de novo para os irmãos Armstrong.

— É algo que nunca pensei que pudesse acontecer, mas tenho um favor a pedir.

Brodie ergueu as sobrancelhas e trocou com o irmão rápidos olhares de surpresa.

— Se vou regressar à fortaleza Montgomery com a maior parte dos nossos homens e se vão regressar à fortaleza do vosso pai com todo o vosso exército, Bowen ficará numa posição vulnerável.

Bowen franziu o sobrolho e preparou-se para negar tal coisa mas Teague ergueu a mão para silenciar o irmão mais velho.

— Até aqui, o plano era simples. Patrick seria eliminado e, com ele, qualquer possível ameaça. Não é esse o caso. Não fazemos ideia onde se encontra Patrick, quais poderão ser as suas alianças, se é que as tem, e ele pode muito bem revelar-se um problema.

Aiden e Brodie acenaram a sua concordância.

— É verdade — disse Aiden. — Não contávamos com a ausência de Patrick. Tencionávamos lidar com o assunto de forma concisa e seguir

caminho, deixando alguns homens para trás para reclamarem o domínio e cuidarem dos membros do clã que tivessem sobrevivido.

— O que peço é que um de vocês fique com Bowen, enquanto viajo de volta às nossas terras para falar com Graeme e pô-lo ao corrente da situação — disse Teague.

— Eu fico — disse Brodie. — Mantereí uma dúzia dos nossos homens e enviarei os restantes com Aiden. Combinados com os guerreiros Montgomery que ficarem serão uma força mais do que suficiente para defender a fortaleza.

— Tens o meu agradecimento — disse Bowen, em tom sincero.

Não era necessário que um dos Armstrongs ficasse para trás, mas Bowen sentiu-se satisfeito por Brodie estar disposto a fazê-lo apesar de as suas famílias estarem em guerra há tantos anos.

— Também tens o meu agradecimento — disse Teague. — Não gostaria de deixar o meu irmão sem estar certo da sua proteção.

Brodie acenou.

— Cuidaram muito bem da minha irmã. Ofereceram-lhe proteção e... aceitação. A minha família tem para convosco uma dívida de gratidão por isso. Muitos teriam escarnecido dela e tê-la-iam rotulado para sempre como a filha do inimigo. O que me pedem é algo pequeno e fico feliz por fazê-lo.

Bowen ofereceu o braço a Brodie e a Aiden, um de cada vez, unindo as mãos num aperto de mão de guerreiro e numa demonstração de respeito. Depois acenou a Teague.

— Vamos falar com os McHughs agora, para que conheçam o seu destino.

Os quatro homens viraram-se para os membros do clã que ali se reuniam e Bowen assimilou as vibrações tensas que ondulavam através do ar.

— Patrick McHugh tem agora a cabeça a prémio — disse, em voz alta, originando uma cascada de arquejos chocados e uma torrente de sussurros.

» Todos os que acompanharem ou se aliarem a Patrick McHugh terão, igualmente, as suas cabeças a prémio. Ele cometeu um grande pecado contra os clãs Montgomery e Armstrong. Não passará incólume.

— O que nos irá acontecer, senhor? — perguntou bruscamente um jovem rapaz entre a multidão.

Bowen libertou a respiração num longo suspiro.

— A partir deste dia, esta fortaleza e tudo o que ela contém pertence ao clã Montgomery.

Ouviram-se murmúrios, protestos, explosões iradas e, de alguns, divertimento.

— Não há nada para reclamar! — gritou um dos homens. — O *laird* levou tudo o que havia de valor, com exceção de algumas ovelhas e dos cavalos de trabalho mais velhos que não seriam capazes de atravessar longas distâncias.

Bowen ergueu as mãos.

— Calem-se até que eu termine.

O zumbido irado cessou.

— Ora, como eu estava a dizer, a fortaleza, as terras, as ovelhas e os cavalos de trabalho... Tudo isso pertence a Graeme Montgomery e eu, como seu irmão, agirei como seu administrador e supervisionarei o funcionamento deste domínio até que ele decida o que fazer com ele.

Parou por um momento e percorreu a multidão com o seu olhar.

— Podem aceitá-lo ou não. Fica ao vosso critério. Podem ficar ou não. A decisão é vossa. Mas saibam isto: se decidirem ficar, a rebelião e o desrespeito não serão tolerados em circunstância alguma. Continuarão a trabalhar nesta fortaleza e a cumprir os vossos deveres como antes. O meu irmão vai viajar até à fortaleza Montgomery em busca de abastecimentos e de alimentos para que possamos cuidar adequadamente de nós.

Ergueram-se de imediato murmúrios de surpresa e choque. Muitos abanaram as cabeças, numa descrença confusa. Estariam à espera de serem escorraçados ou mortos de imediato? Talvez isso tivesse acontecido se Ian ou Patrick estivessem na mesma situação. Talvez fosse isso que os McHugh tivessem aprendido a esperar dos homens que os lideravam.

— Mas quem somos nós, senhor? — perguntou uma mulher, a sua expressão solene.

Bowen franziu o sobrolho.

— Não compreendo a pergunta, minha senhora.

— Somos McHughs, liderados pelo *laird* McHugh. Se se trata de uma liderança orgulhosa ou não, não está em causa. Independentemente das circunstâncias que nos conduziram à presente situação, somos todos McHughs. Agora dizem-nos que pertencemos ao clã Montgomery

e que um *laird* Montgomery vai assumir a nossa liderança. O que é que isso faz de nós? Ainda somos McHughs ou seremos forçados a ser Montgomerys?

Muitos outros se lhe juntaram, colocando a mesma questão, até que um furor roufenho varreu o pátio. Uma vez mais, Bowen ergueu as mãos e, desta vez, Brodie avançou emitindo um rugido que os silenciou a todos de imediato.

— Obrigado — disse Bowen, secamente, enquanto o homem de grande estatura recuava um passo, com um franzir de sobrolho feroz, intimidante, a marcar-lhe o rosto.

A presença de Brodie Armstrong ao seu lado talvez não fosse uma coisa má. O homem conseguia intimidar o mais corajoso dos guerreiros com a sua voz ribombante e o seu franzir de sobrolho sombrio.

— Não quero saber o que chamam a vocês mesmos — disse Bowen, quando a calma foi de novo reposta. — Se o nome McHugh é um nome que têm orgulho em usar e se é algo que querem preservar para os vossos filhos, então está no vosso direito fazê-lo.

— Com o tempo, Graeme Montgomery permitir-nos-á eleger o nosso próprio *laird*? Um que tenha o nosso nome? — perguntou um outro homem entre os McHughs.

— Não posso dizer o que decidirá o meu irmão — disse Bowen. — Neste momento, sou eu o vosso *laird* e é a mim que têm de obedecer ou sofrerão as consequências. Mais tarde, Graeme pode muito bem escolher um McHugh para *laird* deste clã, mas é demasiado cedo para pensar em tais coisas.

Ouviram-se mais alguns resmoneios por entre a multidão, mas a maior parte dos membros do clã acenou e Bowen ouviu as palavras «É bastante justo» serem murmuradas por vários.

Bowen endireitou os ombros, preparando-se para uma tarde atarefada.

— Irei ter com cada um de vós para falarmos sobre as vossas atuais tarefas e o vosso papel neste clã; não tenho qualquer desejo de perturbar as vossas vidas mais do que o necessário. A minha missão consistia em vingar a esposa do meu *laird* e, agora que Patrick McHugh se retirou desta fortaleza, não vejo razão para que o seu clã sofra pelos seus pecados.

Uma vez mais, surgiram expressões de surpresa e apreço nos rostos dos McHughs. Era óbvio que estavam à espera de muito pior e, na

verdade, caso Patrick tivesse ficado, as coisas *teriam* provavelmente sido muito piores.

Patrick era um covarde da pior espécie, no entanto, no que dizia respeito àquela questão, poupava ao clã muito sofrimento ao fugir como um cão, com o rabo entre as pernas.

Assim que Bowen resolvesse as coisas com o clã McHugh, teria de lidar com Patrick. Graeme não ficaria satisfeito em permitir a fuga do homem. Bowen precisaria de falar com o irmão e determinar a linha de ação. Patrick teria de ser caçado e responsabilizado pelas suas ações. E pelo roubo das riquezas do seu clã.

Surpreendia-o o facto de o clã McHugh não demonstrar maior animosidade perante a fuga do seu *laird*. No seu lugar, Bowen teria liderado um grupo para trazer Patrick de volta para que fosse castigado pelos seus próprios companheiros de clã.

— Têm permissão para ir tratar dos vossos afazeres — disse Bowen, acenando com a mão para que dispersassem. — Irei falar individualmente convosco depois de resolver alguns assuntos com o meu irmão e os nossos homens.

Bowen, Teague, Brodie e Aiden deixaram-se ficar enquanto os McHughs abandonavam lentamente o pátio, as suas expressões hesitantes enquanto pensavam no seu destino.

— É mais do que tínhamos pedido — disse Teague em voz baixa.

Bowen acenou.

— Sim. Mas não podemos deixá-los entregues a si mesmos. Isso convidaria a um ataque de outro clã em busca de aumentar as suas terras e o seu poder. Quando se souber que Patrick desertou o seu clã, os abutres começarão a rondar este domínio. É importante que estabeleçamos aqui uma forte presença.

— Terei todo o gosto em ficar contigo e em ajudar-te em relação a esta questão — disse Brodie, o entusiasmo a brilhar-lhe nos olhos.

O mais velho dos Armstrongs parecia saborear o desafio e, se Bowen quisesse ser honesto, teria de admitir que também estava ansioso por exercer ali a sua autoridade e liderança, longe da sua própria fortaleza onde tinha de responder ao irmão.

Não que não estivesse a servir o irmão ao agir enquanto administrador. Graeme era o seu *laird* e Bowen devia tanto a Graeme quanto a Eveline a sua lealdade absoluta. No entanto, tratava-se de uma oportunidade

que aguardava com entusiasmo. Nada que ali acontecesse estava para lá das suas capacidades ou das dos seus homens.

— Ficarei feliz por ter a tua ajuda — disse Bowen com um calor genuíno.

Era um novo amanhecer na história dos clãs Montgomery e Armstrong. Um amanhecer tornado possível pelo casamento entre Graeme e Eveline, um casamento outrora encarado com hostilidade e ressentimento por ambos os clãs.

Os clãs nunca antes tinham trabalhado em conjunto, ou mesmo tolerado a presença um do outro. E, no entanto, aliavam-se agora com o objetivo comum de eliminar uma ameaça a ambos os clãs.

Capítulo 8

Bowen escutava pacientemente, com Brodie ao seu lado, enquanto dois McHugh de alguma idade explicavam os seus deveres e os buracos que tinham sido deixados pelos que tinham optado por partir, fosse com Patrick ou, depois da fuga deste, em busca do seu próprio caminho.

Era claro nas suas vozes o desdém que ambos sentiam pelo seu antigo *laird* e pelos membros do clã que tinham escolhido partir.

Bowen tinha dado a volta à fortaleza, falando tanto com homens como com mulheres, enquanto analisava as suas necessidades, bem como os deveres que precisavam de realizar.

Poucas mulheres tinham partido. Algumas tinham acompanhado os seus maridos e filhos, talvez em busca de refúgio junto de parentes de outros clãs. No entanto, a maioria tinha ficado e não seria difícil garantir a adequada limpeza, lavagem de roupa e preparação de alimentos para o clã.

Existiam ainda jovens suficientes, que ainda não tinham atingido o estatuto de guerreiros do clã, para caçar e cuidar do gado que restava. Seriam precisos cavalos, porque não havia montadas suficientes para trabalhar ou viajar.

— É óbvio que o vosso conhecimento do funcionamento da fortaleza é vasto — disse Bowen aos dois homens mais velhos.

O peito de Peter McHugh inchou, o orgulho atizado pelo elogio. Hiram acenou.

— Sim, é, *Laird*.

Bowen ainda ficava surpreendido por ser tratado por *laird*. Não tinha a certeza do que sentir em relação a isso embora, se quisesse ser verdadeiro, lhe desse grande satisfação.

— Preciso de bons homens que conheçam o funcionamento da fortaleza. Preciso de homens que me sejam leais e trabalhem para o bem do clã.

Peter acenou solenemente.

— Não encontrará homens mais leais. A nossa preocupação é com o clã, não com um homem. Patrick McHugh virou as costas ao clã. Assim sendo, não merece a nossa lealdade nem a nossa consideração.

Bowen trocou um olhar com Brodie, que acenou a sua concordância perante a sugestão de Bowen.

— Então ficarão os dois encarregues do vosso clã e agirão como meus intermediários junto dos vossos familiares. É importante a presença de um rosto que lhes seja familiar e em que possam confiar. Não me aceitarão nem adotarão de imediato. Levarão as minhas ordens ao clã e garantirão que essas ordens são cumpridas, para além de me apresentarem diretamente quaisquer preocupações ou problemas que surjam.

Os dois homens acenaram.

— Será uma honra e um prazer, *Laird* — disse Hiram em tom grave.

— *Laird! Laird!*

Bowen e Brodie viraram-se, com um franzir de sobrolho, quando o grito feminino de angústia chegou até eles.

Taliesan esforçava-se por avançar rapidamente na sua direção mas era impedida pela perna aleijada e quase tropeçou.

Bowen e Brodie correram ambos na sua direção, não querendo que se magoasse. Era óbvio que estava muito agitada.

Brodie agarrou-a por um braço, mesmo a tempo de impedir que caísse para a frente.

— Tens de ter cuidado — disse Brodie, o sobrolho franzido escurecendo as suas feições.

Ignorando a reprimenda de Brodie, Taliesan virou o seu olhar suplicante para Bowen.

— Tendes de a impedir, *Laird*. Por favor, ela está destroçada. Não tem para onde ir. Nem me atrevo a imaginar o que lhe acontecerá lá fora, sozinha.

Ela torcia as mãos, as lágrimas turvando os seus olhos azuis.

Bowen ergueu a mão para refrear o interminável fluxo de palavras.

— De que estás a falar, Taliesan? — perguntou. — De quem estás a falar e o que é que aconteceu?

— Genevieve — disse Taliesan de rompante.

Os lábios de Bowen formaram uma linha tensa e, depois, ele suspirou.

— O que é que ela fez?

— Deixou a fortaleza. A pé. Ela não tem nada. Não tem para onde ir. Ninguém que cuide dela.

Bowen libertou a respiração, irritado.

— Não tenho tempo para truques e manipulações femininos.

Os olhos de Taliesan arderam com uma raiva súbita.

— Pensais que ela está a fazer isto em busca de atenção? Para vos comover ou obter um favor? Senhor, não conheceis Genevieve. Não podeis esperar saber tudo o que ela sofreu. Ela não revelou o seu plano a ninguém. Mas eu vi-a quando estava a partir. Não existia vida nos seus olhos. Não existia esperança. Nada para além da morte e do desespero e isso é algo que eu espero nunca mais voltar a ver. Não há nada para ela aqui e ela sabe-o bem, no entanto também não há nada para ela fora desta fortaleza.

— Acho que é chegada a hora de falarmos com franqueza — disse Bowen, a voz séria. — Quero saber tudo o que há para saber sobre a situação de Genevieve antes de roubar tempo aos meus deveres para correr atrás de uma mulher suficientemente tola para partir a pé, sozinha.

Taliesan dirigiu a Bowen e Brodie um olhar infeliz, a indecisão claramente refletida nos seus olhos.

— Vem sentar-te antes que caias — disse Brodie, conduzindo-a gentilmente para os bancos no exterior dos banhos públicos.

Bowen esperou pacientemente enquanto Brodie sentava Taliesan e, depois, parou em frente à jovem rapariga e fitou-a com um olhar determinado.

— Não estás a trair Genevieve por me revelares a sua situação. Não a posso ajudar se não souber tudo o que se passa. A minha conversa com ela não a pintou sob uma luz positiva. Gostaria de saber se formei uma impressão errada a seu respeito.

A raiva apertou as feições de Taliesan.

— Posso garantir-vos que qualquer que seja a impressão que haveis formado de Genevieve esta é, sem dúvida, muito errada.

— Então corrige as minhas pressuposições — disse Bowen, pacientemente.

Taliesan inspirou fundo, a dor invadindo-lhe de novo os olhos.

— Não conheço outra mulher que tenha sofrido como Genevieve sofreu — disse ela baixinho. — O nome do seu clã é McInnis e ela vem das Terras Baixas, perto da fronteira inglesa.

Os olhos de Brodie abriram-se de espanto e arqueou uma sobrancelha na direção de Bowen.

Bowen abanou a cabeça.

— Espera um momento. Ela é uma McInnis?

Taliesan acenou.

— Sim, é... ou antes, era.

— O clã McInnis tem fortes ligações à Coroa — murmurou Brodie. — O *laird* é um amigo de longa data e o clã McInnis tem grande influência e poder. O rei fica muitas vezes instalado como convidado do *laird* McInnis.

— Ela é a filha do *laird* — interrompeu baixinho Taliesan.

— Isso não faz sentido! — exclamou Bowen. — A filha do *laird* McInnis não ser mais do que a prostituta de Ian McHugh?

Taliesan estremeceu perante o insulto e os seus olhos arderam de raiva.

— Não foi por escolha sua!

Taliesan gritou estas palavras, surpreendendo Bowen com a sua veemência.

— Conta-nos tudo, Taliesan — pediu Brodie.

— Não sei tudo — disse ela frustrada. — Genevieve nunca mo confidenciou. Não é algo que fizesse, pois é muitíssimo recatada e resta-lhe tão pouco orgulho que tenta manter o que pode.

— O que é que sabes, *de facto*? — perguntou Bowen. — Ela era realmente a prostituta de Ian?

Taliesan voltou a estremecer, as faces muito coradas. Brodie lançou um olhar de censura a Bowen por ter ofendido a rapariga mais uma vez, mas este estava cada vez mais impaciente.

— Ian trouxe-a para aqui. Ela não veio de sua vontade. Isso, eu sei. Testemunhei em primeira mão a forma como ele a tratava. Era ainda pior porque ela resistiu... ou tentou resistir.

— Credo — murmurou Bowen. — E, no entanto, não me surpreende quando se trata de Ian.

— Ele era como uma criança petulante à qual fora negado o brinquedo preferido — disse Taliesan. — Trouxe Genevieve para aqui e jurou que homem algum voltaria a olhar para ela com desejo. Ele... ele cortou-lhe o rosto — disse Taliesan como se as palavras a sufocassem. — De propósito. Marcou-a para que não voltasse a despertar a atenção dos outros homens. Jurou que ninguém para além dele a possuiria.

— Foi ele que fez aquilo à cara dela? — perguntou Bowen, a voz rouca.

Taliesan acenou.

— Sim, mas isso não foi o pior.

— Não foi o pior? — perguntou Brodie incrédulo.

— Não — sussurrou Taliesan. — Fez dela a sua prostituta. A sua prostituta contra vontade dela. Estava obcecado com ela e era ciosamente possessivo. Ninguém podia tocar-lhe, nem mesmo olhar para ela, caso contrário era severamente punida. Ele *quebrou-a, Laird*. A família dela julga-a morta e, de certa forma, está, pois já não é a Genevieve McInnis de outrora.

O nojo redemoinhava como cerveja azeda na barriga de Bowen. Revia mentalmente a conversa que tinham tido no quarto dela, uma e outra vez, e sentiu-se destroçado pelo desdém que mostrara pela rapariga. Tinha-a julgado e achara-a sem caráter. Agira como se ela lhe fosse inferior e ignorara o seu pedido de ajuda.

— Mãe do céu — murmurou.

— Não fazeis ideia da dimensão da depravação dele — terminou Taliesan com um sussurro.

Bowen estava sem palavras, enquanto assimilava tudo o que ela lhe tinha dito. O sobrolho de Brodie estava sombriamente franzido e os olhos brilhavam com uma luz assassina.

— A morte dele foi demasiado rápida — rosou Brodie. — Graeme

foi demasiado misericordioso. Devia ter sido obrigado a sofrer por todo o mal que infligiu a mulheres inocentes.

— Há quanto tempo? — perguntou Bowen, a voz rouca. — Há quanto tempo é que Genevieve é sua cativa?

— Há um ano inteiro, *Laird* — disse Taliesan baixinho. — Se achais que Genevieve está a ser dramática ou que vos procura manipular ou a qualquer outro por partir a pé, estais *errado*. Ela não espera que ninguém vá atrás dela ou goste dela o suficiente para se preocupar com o que lhe acontece. Para ser franca, ela não quer saber o que é que lhe vai acontecer. Só quer ser livre e gozar um momento de paz. Sentir-se-ia profundamente traída pelo que acabei de vos confidenciar. Não sinto qualquer orgulho em tê-lo feito. Mas não quero que continue a ser maltratada.

Bowen estendeu a mão e tomou a de Taliesan na sua.

— Fizeste bem, rapariga. E não precisas de te preocupar com a possibilidade de Genevieve continuar a ser maltratada.

O olhar de Taliesan era esperançoso quando se fixou de novo em Bowen.

— Então ireis atrás dela?

Os lábios de Bowen formaram uma linha séria, carregada de determinação, quando se levantou.

— Não regressarei sem ela.

Capítulo 9

Genevieve fitou a encosta ondulante, salpicada de afloramentos rochosos, que se estendia para lá de onde a sua vista alcançava. A sensação de desespero enfraquecia-a com a sua intensidade e tentou corajosamente afastá-la.

Onde se encontrava não era importante. Abandonar a fortaleza tinha sido, inesperadamente, um ato libertador. Mal se aventurara para lá das muralhas o peso opressivo que a esmagava desaparecera.

Acontecesse o que acontecesse a partir daquele momento, já não era uma vítima indefesa. Ian McHugh nunca mais a poderia usar ou aviltar. O clã McHugh nunca mais poderia troçar dela ou ultrajá-la.

Apertou o capuz do manto em redor do rosto, embora não estivesse ali ninguém para a ver. Não lhe era possível ver uma só pessoa ou animal em qualquer direção.

A fortaleza tinha, há muito, desaparecido atrás de uma colina, e ela ia aumentando a distância entre si e aquela que fora a sua prisão durante um ano.

Alguém a ajudaria. Alguém lhe indicaria a localização de um convento. Precisava de ter fé pois, naquele momento, não conseguia imaginar que existisse ainda mais crueldade no mundo à sua volta.

Havia boas pessoas no mundo. Ela sabia-o por experiência própria. A sua família era composta pelo melhor tipo de pessoas. Morreriam se tomassem conhecimento da sua situação e era por isso que *ela* preferia morrer a revelar o seu destino. Era mais gentil deixá-los pensar que ela tinha sido morta do que permitir que soubessem a verdade.

A sua família era leal até ao tutano e protegia ferozmente todos aqueles a quem chamava amigos e todos os que faziam parte do seu clã. Embora a corte estivesse repleta de enganos e ganância, Genevieve nunca sentira tais coisas. Todos se tinham mostrado gentis e corteses para com ela. Todos menos Ian McHugh.

Estacou quando um som distante lhe chegou aos ouvidos. Ténues vibrações provocaram-lhe um formigueiro nos pés. Os cascos de um cavalo. Havia alguém por perto e cavalgava na sua direção.

Fugiu para um pequeno arvoredor aninhado no vale de duas colinas. Um rio corria pelo meio e, perto das suas margens, acumulavam-se árvores e outra vegetação. Quase mergulhou nos arbustos, rezando por que não tivesse sido vista.

O som aproximou-se e depois parou. Ela susteve a respiração e espreitou através dos ramos, vendo o corpo de um cavalo no caminho por onde seguira. Não conseguia ver quem o montava porque a folhagem lhe impedia a visão.

Depois o cavalo prosseguiu caminho e Genevieve suspirou de alívio. Ainda assim, esperou durante bastante tempo antes de emergir dos arbustos e regressar ao caminho.

A subida da colina seguinte revelou-se mais difícil do que as anteriores. Era mais íngreme e erguia-se mais alto. Quando chegou ao cimo e começou a sua descida estacou tão subitamente que quase tropeçava e caía pela colina abaixo.

Montado no seu cavalo, a curta distância, estava Bowen Montgomery. Estava virado para ela, observando-a calmamente, quase como se estivesse à sua espera.

Genevieve não fazia ideia do que fazer. Não fazia ideia da razão por que ele ali estava. O seu primeiro instinto foi fugir, mas não tinha feito nada de errado. Fossem quais fossem os pecados cometidos por Ian, estes nada tinham a ver com ela, e maldita fosse se ia pagar por eles.

Envolvendo-se num sentimento de calma, como se se tratasse da armadura de um guerreiro, avançou com passos firmes, a cabeça

baixa. Já tinha passado por Bowen quando o ouviu suspirar. Depois ouviu o som suave dos seus pés a bater no chão enquanto desmontava do cavalo.

Precisou de todas as suas forças para não entrar em pânico e fugir.

— Maldição, Genevieve.

A maldição sussurrada de Bowen chegou-lhe aos ouvidos apenas alguns segundos antes de a mão lhe envolver o braço e a obrigar a parar, forçando-a a virar-se para olhar para ele.

O seu instinto ditou que o afastasse com as mãos, que colocasse uma barreira protetora entre si e o guerreiro muito maior.

No entanto o gesto fez com que a raiva lhe invadisse os olhos. O maxilar dele ficou tenso de raiva e o medo invadiu os nervos dela.

— Não olhes para mim dessa forma — rosnou ele. — Não te vou magoar. Jamais te magoaria. Estou furioso porque pensaste que precisavas de te defender de *mim*. Ninguém te vai magoar, Genevieve. Ainda que não acredites em mais nada, acredita nisso.

Ela fitava-o, desorientada, perguntando-se de onde teria vindo aquela explosão. E, já agora, o que é que ele estava a fazer ali e porque é que a tinha parado?

Encontrou por fim a sua voz — e a sua coragem.

— O que estais a fazer aqui? — perguntou. — Porque viestes atrás de mim?

Ele voltou a praguejar, fazendo-a encolher-se com a veemência das suas blasfêmias.

— Achas que te vou deixar abandonar a fortaleza sozinha, desprotegida, sem roupas, dinheiro ou alimento? Como podes esperar aguentar-te um dia sequer? Uma mulher sozinha, sem protetor? Serias presa fácil para qualquer homem que por ti passasse e ninguém saberia de nada.

O sangue fugiu-lhe do rosto pois fora precisamente isso o que acontecera com Ian. Ele chacinara a sua escolta e levava-a para uma vida de cativo e depravação. Ninguém soubera de nada. Até àquele dia ninguém soubera.

Genevieve McInnis estava morta.

— Não permanecerei ali — disse ela, na voz mais firme que conseguiu. No entanto, faltava-lhe convicção. Ela tinha medo, e isso era óbvio para Bowen. Qualquer tolo poderia ouvir o estremecimento na sua voz

e ver o quanto as suas mãos tremiam. — Já me humilhei, embora tivesse jurado nunca mais permitir a mim mesma esse tipo de humilhação. Não me resta mais nada senão partir antes que sacrifique a pouca dignidade que ainda tenho.

Bowen pousou a mão no braço dela. Genevieve tentou afastá-la mas ele insistiu, puxando-a para mais perto dele com mãos firmes mas gentis. Era óbvio que realizava um esforço consciente para não a magoar. As palmas das mãos dele deslizaram-lhe pelos braços, parando nos ombros e apertando-os num gesto tranquilizador.

— Não vou permitir que vás.

Genevieve não conseguiu evitar o desânimo que se apoderou de si. A decepção — e um medo avassalador — sufocou-a, privando-a da capacidade para respirar. Como era cruel a promessa de liberdade oferecida e depois arrancada.

Bowen suspirou e as suas feições suavizaram-se. Havia um toque de tristeza — e de arrependimento — nos olhos dele, e isso intrigou-a.

— Não ficarás como prisioneira, Genevieve. Isso nunca. Serás tão bem cuidada e tão bem tratada como um convidado de honra. Ninguém te magoará. Não responderás perante ninguém para além de mim. Vou enviar notícias à tua família mas, enquanto eles não vierem serás tratada com o maior respeito. Exigirei a cabeça de qualquer um que se atreva a desobedecer-me nesta questão.

— Não! — gritou ela roucamente, arrancando os braços das mãos dele. — Não, não façais isso!

Ele franziu o sobrolho e fitou-a em óbvia confusão.

— Não compreendo.

A respiração escapava-se-lhe, errática, dos lábios gelados. Genevieve sentia um tal pânico que quase não conseguia forçar as palavras a formarem-se na sua garganta.

— Não envieis notícia alguma à minha família.

Havia uma nota de histeria na sua voz de que até ela estava consciente.

— Por que raio não? — perguntou Bowen. — Devem estar doentes de preocupação.

Genevieve abanou a cabeça, as lágrimas enchiam-lhe os olhos. Um soluço invadiu-lhe a garganta e não foi capaz de refrear as lágrimas que lhe corriam pelas faces. Sentia-se furiosa por aquele homem ser capaz

de a levar às lágrimas quando Ian McHugh nunca fora. Nunca o tinha permitido. Nunca lhe dera tal satisfação.

— Acreditam que estou morta. Que pereci juntamente com a minha escolta, há um ano.

Bowen fitava-a de boca aberta.

— Então decerto gostarias de os informar de imediato, para que não permaneçam num tal engano.

Ela abanou a cabeça com uma veemência ainda maior e sentiu que os frágeis fios que a mantinham intacta se começavam a quebrar. Talvez estivesse, por fim, a enlouquecer.

— É melhor que me julguem morta. Se soubessem tudo...

Interrompeu-se, abanando a cabeça e virando-se, incapaz de continuar a olhar para os olhos de Bowen.

Não se atrevia a admiti-lo à sua frente. Não se acreditava capaz de suportar a visão da pena e do nojo nos olhos dele.

Tal como não era capaz de ouvir o frio recitar dos factos a partir dos seus próprios lábios.

— É melhor assim — repetiu ela. — Não quero que saibam tudo o que aconteceu. A minha vergonha é demasiado grande para que a suportem. Tornar-me-ia um fardo eterno para eles. Não me restaria mais nada a não ser regressar a casa e viver em reclusão, sob os cuidados do meu pai, até ao fim dos meus dias, e a minha família teria de suportar o peso da minha vergonha para sempre.

Os lábios de Bowen ficaram tensos. Genevieve sabia que o mais provável era que ele a julgasse tola. Ou muitíssimo egoísta. Não era o orgulho que a impedia de enviar notícias à sua família. Já não lhe restava orgulho algum. Saber o que tinha acontecido a Genevieve destruiria a sua mãe e o resto da família. Não seria capaz de viver consigo mesma se lhes causasse tanta dor. Mais depressa morreria do que traria a desonra ao nome do pai.

— Já desonrei o meu clã — disse ela, em voz baixa e triste. — Desprezo-me pela proposta que vos apresentei antes. Só uma pessoa sem esperança ou honra poderia fazer tal coisa, e é óbvio que já não tenho nenhuma das duas. Como poderia o meu clã receber-me de braços abertos quando fiz tanto para trazer a vergonha às pessoas que mais me amavam?

Bowen avançou, afastando com a mão o capuz do manto dela para

lhe tocar na face desfigurada. O gesto sobressaltou-a de tal forma que ficou gelada, fitando-o de olhos muito abertos.

Ele acariciou o rosto estropiado, a aflição dela aumentando a cada segundo em que os dedos dele lhe tocavam com tamanha gentileza.

— Proponho que ambos esqueçamos o que aconteceu no teu quarto, há bocado. Agi de forma repreensível.

Ela abanou a cabeça, tentando libertar o rosto da mão dele, mas Bowen encostou a palma da mão ao maxilar, mantendo-a firmemente contra a sua face.

— Reagistes com nojo, tal como devíeis. Quem vos poderia culpar. O que é que uma mulher como eu poderia oferecer a um homem como vós? Sois lindo — deixou escapar. — Podeis ter qualquer rapariga, basta que lhe façais sinal.

Sim, era verdade. Aquele homem era simplesmente divino de se ver. Nem uma imperfeição lhe maculava o corpo — pelo menos, que ela conseguisse ver. Era tão belo de se ver que Genevieve tinha a certeza de que muitas raparigas tinham suspirado só de olhar para ele.

— Já fui bela — sussurrou ela. — E agora estou arruinada. — Ela tocou no próprio rosto, logo acima do local onde os dedos dele estavam pousados e, depois, soltou uma gargalhada rouca, abrasiva no ar sossegado. — Arruinada em mais de um sentido. Nenhuma parte de mim sobreviveu à posse de Ian McHugh. Jamais voltarei a sentir-me inteira.

Havia uma escuridão na expressão de Bowen que a devia ter assustado. Talvez se ela ainda tivesse algo a perder tivesse sentido mais medo. Assim sendo, olhou para ele sem ânimo, com a resignação a sussurrar-lhe através das veias.

— O que exhibes não é desonra — disse ele, soturnamente. — Não é vergonha carregares aquilo que te foi feito e esforçares-te por preservar a tua dignidade.

Ela voltou a rir, o som rouco e abrasivo.

— Dignidade? Já não me resta dignidade alguma. Nenhuma me foi permitida. Provei que não me resta dignidade alguma quando me ofereci para me prostituir a vós.

Ela fechou os olhos contra uma nova vaga de lágrimas, a humilhação cantando uma terrível litania na sua mente.

— Não imaginais o que é sentir que não existe outra escolha, ou acreditar que tudo aquilo que valemós é o que somos capazes de oferecer

a um homem através do corpo. Costumava pensar que tinha chegado ao ponto mais baixo e que não poderia rebaixar-me ainda mais do que já me rebaixara. Estava enganada. Foi quando vos ofereci voluntariamente os meus... s-s-serviços... que compreendi que tinha atingido o ponto mais baixo possível. E, no entanto, estava tão desesperada por liberdade que estava disposta a rebaixar-me, a enfrentar-vos sem pudor ou orgulho. Odeio-me por isso.

Ela pronunciou a custo as palavras, a raiva e a dor a aumentarem a cada segundo que passava. Queria rebelar-se contra o mundo. Queria gritar a debilidade da sua situação e a injustiça de tudo aquilo.

Os olhos de Bowen brilhavam. Ele estava furioso. Ela não o podia culpar.

— Desejo com todo o meu coração e com toda a minha alma que o meu irmão não tivesse morto Ian McHugh — rosnou Bowen.

Os olhos dela abriram-se ainda mais e os lábios estremeceram.

— Porque havíeis de o desejar vivo?

Bowen puxou-a para mais perto de si, até ela estar encostada ao seu corpo, envolvendo-a com o seu calor, como a mais quente pele no inverno. Acariciou-lhe a face desfigurada com um toque muito terno, que correspondia a uma dor física na sua alma.

A cabeça dele desceu até a sua boca ficar a poucos centímetros da dela. Os olhos dele eram ardentes; no entanto, quando falou a sua voz era calma e determinada.

— Para que o pudesse matar agora por tudo o que te fez.

Uma nova lágrima escapou-se ao dique formado pelas pálpebras e deslizou, incontrolável, pelo seu rosto. Ele limpou-a gentilmente com o polegar.

— Não chores, Genevieve. Ver as tuas lágrimas é mais do que sou capaz de suportar.

Ela curvou a cabeça, olhando para baixo, mas ele deslizou a mão até ao queixo dela e, depois, ergueu-lhe lentamente o rosto, forçando-a de novo a olhá-lo.

— Vou levar-te de volta para a fortaleza — disse ele, a voz firme, não permitindo qualquer discussão. — Ser-te-á atribuído um novo quarto. Quero que prometas que não te voltarás a aventurar sozinha. Não permitirei que te voltem a tratar mal, Genevieve. É uma promessa que te faço.

Ela conseguia inspirar. Fitou os olhos de Bowen Montgomery em busca de um qualquer sinal de logro ou traição. Tudo o que viu foi uma sinceridade ardente — e raiva. Raiva *por* ela. Não *contra* ela, mas por causa do que lhe fora feito. Era algo que a confundia. Tratava-se de um estranho. Ele não lhe devia nada. Tinha todas as razões para desprezar Ian McHugh e a sua prostituta. Teria sido tão fácil montar cerco à fortaleza e usá-la como lhe aprouvesse. E, no entanto, tratava-a com gentileza.

O mais improvável dos defensores e a mais improvável das mulheres a inspirar um homem a defender a sua causa. Ela não passava de uma prostituta desfigurada e ele era tão belo que virava cabeças por onde quer que passasse. Era irmão de um dos *lairds* mais poderosos das Terras Altas e detinha grande poder e riqueza.

O que dissera antes era absolutamente verdade. Tratava-se de um homem que poderia ter qualquer mulher que desejasse em toda a Escócia.

E no entanto parecia determinado, quer ela o desejasse ou não, a cuidar das suas necessidades e a... protegê-la.

Ninguém, desde o pai e os irmãos, a protegera ou abrigara. Ninguém a tinha protegido de Ian, e Ian não a protegera das palavras e das ações do seu próprio clã.

Estava de tal forma paralisada que não conseguia, sequer, expressar por palavras tudo o que estava a pensar.

— E quando partirdes? — perguntou, sentindo de imediato o medo a apertar-lhe a garganta. — Quando deixardes este local e eu não passar de uma memória, o que me acontecerá então?

— Não te abandonarei à tua sorte — disse ele, em tom baixo e firme. — Se não tiveres mudado de ideias em relação a enviar notícias à tua família, serás integrada no meu clã e receberás a proteção que é dada a todos os Montgomerys ou farei como me pedes e tratarei de que sejas recebida num convento.

O alívio foi doce e veloz. A sua postura relaxou, os ombros desceram e ela fechou os olhos, saboreando a promessa de santuário.

Que coisa tão maravilhosa, a esperança. Uma coisa sem a qual vivera durante tanto tempo. E, no entanto, florescia agora como os primeiros botões na primavera, espalhando as suas pétalas em busca do Sol.

Era esmagador na sua intensidade e ela recebeu aquele sentimento de braços abertos, saboreando-o como um amigo há muito perdido.

A esperança era a dádiva mais doce. Fazia-a olhar para o futuro, não com temor ou desespero mas com novos olhos.

— Obrigada — disse, a custo.

Os dedos dela pressionaram o braço musculoso dele, apertando com força. Temia que, se o largasse, pudesse acordar de um sonho e descobrir que nada daquilo era real.

— Não tens nada que me agradecer. Agora vamos. Regressemos à fortaleza para que possamos participar da refeição da noite. Deves estar exausta devido às preocupações e à caminhada desde a fortaleza.

— Sois um anjo finalmente enviado por Deus — sussurrou ela. — Rezei durante tanto tempo por um. Pensei que, decerto, Ele me tinha esquecido.

As feições de Bowen ficaram tensas e sérias.

— Venho demasiado tarde. Não te salvei de qualquer sofrimento. Tivesse eu sabido mais cedo da tua provação. Teria vindo, Genevieve. Ter-te-ia salvado.

Ela pousou a mão no antebraço dele, reparando na palidez da sua pele contra a dele, muito mais escura.

— Não é verdade. A vossa gentileza é como um farol na mais escura das noites. Já me tinha esquecido de que existia bondade.

Ele pareceu desconcertado pelo elogio dela, mas os olhos de Genevieve fixaram-se nos dele, nunca se afastando, pelo que a sua sinceridade não poderia ser posta em causa.

Então ele deslizou um braço em redor da cintura dela e guiou-a para o seu cavalo que se encontrava a poucos metros.

— Vamos. Cavalgarás comigo. Regressemos antes que os outros fiquem preocupados.

Genevieve foi de boa vontade, maravilhando-se com o facto de se sentir feliz por regressar à fortaleza McHugh, um local que tinha sido o seu inferno durante um ano inteiro.

E guardou a promessa que ele lhe fizera perto do coração, abraçando-a com todo o seu ser.

Capítulo 10

Quando Bowen entrou no pátio com Genevieve foi recebido com vários olhares cúmplices que o irritaram. Havia sorrisos escarninhos dos homens do clã McHugh, expressões de franco desdém das mulheres, e até o seu irmão e os dois irmãos Armstrong ergueram as sobrancelhas.

Ainda assim Teague, sempre um cavalheiro, avançou para ajudar Genevieve a descer do cavalo de Bowen para que este último pudesse desmontar. Genevieve desconfiava de Teague e colocou de imediato alguma distância entre ambos. Teague franziu o sobrolho, como se ela o tivesse insultado ao temer que ele a magoasse.

Taliesan coxeou pesadamente através do pátio, o seu passo demasiado acelerado para uma mulher com uma perna aleijada. Preparava-se para lhe gritar um aviso quando ela tropeçou.

Agindo rapidamente, Brodie apanhou-a antes que caísse. Ela ergueu-se, o rosto escarlate de embaraço, mas não permitiu que isso a impedisse de chegar onde queria.

Depois de murmurar um rápido agradecimento e de ter feito uma vénia a Brodie prosseguiu caminho num passo mais lento, embora não menos determinado, em direção a Genevieve.

— Quero falar contigo antes da minha partida amanhã — sussurrou Teague, de tal forma que apenas Bowen o ouviu.

Bowen acenou o seu acordo.

— Depois da refeição da noite.

Teague afastou-se e fez sinal a um dos homens Montgomery para que cuidasse do cavalo de Bowen.

Taliesan conseguiu, por fim, chegar junto de Genevieve e agarrou nas mãos desta, o seu rosto refletindo um alívio óbvio.

— Graças a Deus que voltaste — disse Taliesan.

Depois, como se percebesse o absurdo do que acabara de dizer, corou e apertou com mais força as mãos de Genevieve.

— Enviei Bowen atrás de ti. Por favor, não te zangues comigo. Não é lugar para uma mulher sozinha, lá fora sem proteção. Sei que és infeliz aqui mas tenho esperança de que as coisas mudem sob a direção de Montgomery.

Bowen observou atentamente Genevieve, esperando que ela não magoasse os sentimentos da rapariga, em especial quando Taliesan se mostrara tão preocupada com ela. O seu coração estava no sítio certo e a sua preocupação com o destino de Genevieve era genuína.

Não precisava de se preocupar. Genevieve conseguiu abrir um meio sorriso e apertou as mãos de Taliesan.

— Agradeço a tua preocupação, Talie. É verdade que Bowen me foi buscar e, por ora, fico feliz por estar aqui.

No entanto Bowen viu a incerteza e o medo no seu olhar enquanto fitava os McHughs que salpicavam o pátio e mais além, observando a partir dos degraus da fortaleza. Havia escárnio e troça nos seus olhares, que Genevieve não tinha como não ver.

Ela ergueu um pouco o queixo; o seu rosto tornou-se vazio e indecifrável. Era a sua máscara, uma máscara que ele tinha rapidamente identificado como uma forma de bloquear a vergonha e a humilhação que sentira às mãos dos outros.

A rapariga poderia dizer que já não tinha orgulho, mas estava terrivelmente enganada. Possuía mais determinação do que a maior parte dos guerreiros que ele conhecia. Tinha aperfeiçoado de tal forma o escudo «não me podes magoar» que se assemelhava a uma princesa de gelo, de feições implacáveis.

Depois de ter ouvido tudo o que Ian McHugh lhe tinha feito — e

estava certo de que não ouvira a metade —, não teria culpado a rapariga por já não lhe restar espírito ou vontade. Mas restava, e ele não conseguia imaginar como.

Manteria a promessa que lhe fizera de a tornar uma protegida do seu clã ou de a colocar num convento à sua escolha. Mas, primeiro, tentaria fazê-la mudar de ideias em relação à sua família porque uma rapariga precisa dos seus familiares mais do que tudo. Não conseguia imaginar o que seria de Eveline sem o apoio da família, bem como do clã que passara a ser o seu por casamento.

E, apercebeu-se, queria que Genevieve fosse feliz porque, quando olhava para ela, via uma tristeza e uma resignação tão profundas que lhe pesavam terrivelmente no peito. Não era uma sensação confortável.

O destino dela podia ter sido o de Eveline. Tinha vindo a gostar muito da sua irmã por casamento. Ela conquistara o seu respeito e o seu afeto. Não fosse pelo seu engenho estaria, ainda agora, casada com Ian McHugh.

Ocorreu-lhe que, se Eveline tivesse casado com Ian há alguns anos, como estava prestes a acontecer, o mais certo era que Ian nunca tivesse conhecido Genevieve. Nunca tivesse ficado obcecado por ela. Nunca a tivesse raptado e abusado dela durante um ano inteiro.

Era uma constatação que dava que pensar, e sentiu culpa pelo alívio que sentira por Eveline ter escapado ilesa.

— Já passa da hora de comermos — anunciou Bowen em voz alta.

Genevieve fitou-o, hesitante, e deixou-se ficar para trás, observando-o enquanto avançava para a entrada da fortaleza. Mas ele parou ao lado dela e estendeu-lhe o braço, aguardando pacientemente enquanto ela o fitava, nervosa.

Por fim deslizou a mão sobre o braço dele, aninhando-a delicadamente, como era adequado e, depois, ele avançou, acompanhando-a até ao salão.

Quando olhou de relance para trás, ficou feliz por ver que Brodie esperara pacientemente que Taliesan avançasse e a acompanhava passo a passo, observando atentamente para que não caísse.

Taliesan era uma boa rapariga, honesta e, talvez, demasiado crédula e de bom coração. O tempo tornara Bowen cínico, e ele sabia que não era uma falsidade dizer que as experiências com outros acabariam por tornar Taliesan mais insensível.

Suspirou porque seria, de facto, um dia triste aquele em que uma rapariga como Taliesan aprendesse uma tão dura lição. Era uma lição que Eveline aprendera, em primeira mão, com o seu próprio clã. Envergonhava-o admiti-lo, mas o seu clã tinha sido horrível com ela aquando da sua chegada.

Bowen sentou-se na mesa principal e colocou Genevieve à sua direita, enquanto Teague ocupava o lugar à sua esquerda. Aiden e Brodie sentaram-se um à frente do outro e Brodie colocou Taliesan ao lado de Genevieve. Bowen acenou aprovadamente a Brodie por este ter colocado uma aliada amigável ao lado de Genevieve.

As criadas começaram a trazer a comida e Bowen franziu o sobrolho ao provar a refeição. Estava fria. Não era de todo apetitosa e sabia a velho. Um olhar à volta da sala revelou que mais ninguém parecia ter qualquer problema, mas um olhar para a sua mesa contava uma história diferente.

Teague quase se engasgou com a primeira dentada. Aiden nem se deu ao trabalho de disfarçar a sua reação e cuspiu prontamente a comida para o chão. Brodie engoliu com bastante dificuldade, enquanto Taliesan empurrava a comida de um lado para ao outro com a colher.

Genevieve limitava-se a olhar para o prato, o rosto pálido, a boca traçando duas linhas firmes. Levou a mão à taça e bebeu vários goles da água que pedira em vez de cerveja.

Engasgou-se de imediato e mostrou-se atrapalhada, a água quase lhe escapando da boca. Baixou a cabeça e tossiu roucamente para as saias. Os olhos ficaram rasos de água e parecia incapaz de recuperar o fôlego.

— Genevieve, passa-se alguma coisa? — perguntou Bowen. — A água não presta?

— Desceu pelo lado errado — disse ela, os olhos ainda a correr água. — Não é nada com que preciséis de vos preocupar.

Desconfiado, Bowen agarrou na taça antes que ela a conseguisse afastar e deu um gole cauteloso. Fez, de imediato, uma careta, e só sorvera uma pequena quantidade. Era salmoura, tão carregada de sal que ninguém teria sido capaz de a beber.

Sentiu o sangue ferver perante o insulto lançado contra Genevieve e bateu com o punho na mesa, fazendo com que várias das criadas que se encontravam por perto saltassem e olhassem nervosamente na sua direção.

— Tragam-me água fresca — rugiu.

Uma mulher correu a cumprir a sua ordem e ele teve o cuidado de provar pessoalmente a água antes de a entregar a Genevieve. Ela pareceu chocada e, lentamente, tomou-lha das mãos levando-a aos lábios.

Bebeu vários goles e pousou a taça na mesa.

O sal era um bem precioso e caro, e que o desperdiçassem numa partida maliciosa quando o clã tinha tão pouco enfureceu tanto Bowen como a ofensa em si.

— A comida é sempre assim? — perguntou Bowen a Genevieve e Taliesan.

O rosto de Genevieve enrubescceu e ela baixou os olhos, recusando-se a encarar o olhar de Bowen.

— Normalmente é razoável — disse Taliesan, aparentemente confusa com a pergunta de Bowen.

Mas este estava mais atento a Genevieve e à sua reação.

— Genevieve? Não tens opinião sobre o assunto?

— Não teria como saber, *Laird* — disse ela baixinho. — Nunca me foi permitido comer no salão. Esta é a primeira vez que o faço desde que aqui cheguei. Sempre me levaram pão e queijo ao meu quarto. Por vezes, papas de aveia ou bolos de aveia. A comida melhor estava reservada ao clã.

Estava arrependido de ter perguntado, pois agora fervia de raiva. Genevieve tinha sido tratada como um *animal*. Uma besta cativa à qual não era concedido qualquer respeito ou cuidado. Enraivecia-o que qualquer mulher pudesse ser tratada daquela forma.

— Comida melhor? — fungou Teague. — O mais provável é que tenhas ficado com o melhor.

O desdém era óbvio na sua voz.

— Não me esquecerei de trazer alimentos — murmurou Teague. — Talvez seja boa ideia liderares uma caçada na minha ausência. Esta carne parece ter sido apanhada há vários meses.

Bowen acenou o seu acordo. Uma das suas prioridades tinha de ser o abastecimento das despensas.

— Tínhamos melhor — disse Taliesan de repente.

O rosto dela estava de um vermelho escuro e tinha baixado a cabeça.

— Como assim, rapariga? — perguntou Brodie num tom de voz gentil.

— É desleal da minha parte dizê-lo — murmurou ela.

— Fala livremente. Não está aqui ninguém para te contradizer — realçou Bowen.

Ainda assim estava relutante quando ergueu a cabeça.

— O *laird* levou a maior parte dos alimentos frescos, deixando para trás a carne mais velha. Carregou dois cavalos com a carne das caçadas recentes. Havia veado, javali e carneiro. Ele levou tudo.

Teague franziu o sobrolho.

— Mal tenha informado Graeme da situação formaremos um grupo para caçar Patrick McHugh. Ele tem muito por que responder.

Bowen acenou mais uma vez.

— É verdade que ele é uma prioridade, no entanto a nossa maior preocupação deve ser o cuidado das pessoas do seu clã. Não podemos permitir que morram à fome ou fiquem sem proteção adequada enquanto procuramos vingar-nos de um covarde foragido.

Aiden inclinou a cabeça.

— É bem verdade e dizes as coisas como são, Bowen. É um bom líder aquele que pensa primeiro no clã.

— Faço apenas o que sei que Graeme faria se estivesse presente — afirmou Bowen sem rodeios.

Virou-se para Genevieve que não tinha tocado na comida. Parecia temê-la, depois do que acontecera com a água. Não a podia culpar.

— O que gostarias de comer, rapariga? — perguntou em voz baixa. — A comida que nos serviram não presta. Posso pedir pão e queijo se preferires.

— Gostaria disso — respondeu ela, baixinho. — Se não der demasiado trabalho. Não quero causar problemas.

— E eu não quero saber — respondeu Bowen calmamente. — Obedecerão sem questionar ou sofrerão as consequências. Oferecer-te-ão o seu respeito e pararão com estas partidas infantis contra ti. Não serei desafiado desta maneira.

Os olhos dela ficaram quentes e um leve sorriso curvou-lhe os lábios cheios, até ele ficar fascinando com o brilho no seu olhar. Nesse momento ela era linda. Era fácil esquecer a cicatriz que lhe marcava a face pois o resto da sua cara era macia e sedosa, e tão bela que doía.

A coragem e resiliência dela conferiam-lhe uma beleza que os atributos físicos — ou a sua falta — nunca poderia tocar. Fazia um tal esforço por esconder dele e do mundo a sua deformidade que era fácil

esquecê-la completamente, e era sempre um choque quando se via confrontado com a realidade.

Mais criadas passaram pela mesa, umas sorrindo timidamente, outras mais arrojadamente na sua direção, enquanto lhe serviam mais cerveja e lhe colocavam comida quente no prato. Não que lhe parecesse que isso fosse ajudar.

Ficou surpreendido com o atrevimento de algumas. Realizavam propostas sensuais com insinuações subtis — umas mais do que outras. Não que ele não estivesse habituado a avanços das raparigas. Graeme costumava brincar com ele, dizendo que tinha mais do que a sua quota-parte de mulheres, e Graeme e Teague diziam ambos que Bowen erguia as saias de qualquer mulher que a isso se dispusesse.

Não era inteiramente verdade, ainda que ele não argumentasse contra a sua suposição. De nada valia quando as suas ideias estavam formadas e a imagem que tinham dele estava consolidada.

No entanto recebia muitas atenções femininas para onde quer que fosse e, ainda que alguns homens as tivessem recebido de bom grado, ele achava-as inconvenientes. Em especial quando as mulheres eram casadas e tinha de se preocupar com maridos irados.

Os lábios de Genevieve foram ficando cada vez mais tensos à medida que a refeição avançava. Parecia pálida, como se estivesse pronta a recolher aos seus aposentos antes que caísse ao chão.

— Passa-se alguma coisa? — sussurrou Bowen, inclinando-se de forma a poder conversar baixinho com Genevieve.

— São tão hipócritas — cuspiu, cada palavra envolta em raiva.

Surpreendido pela sua veemência, ergueu uma sobrancelha, fitando-a inquisitivamente.

— Não finjais não saber exatamente o que querem de vós — silvou. — E, no entanto, julgam-me e consideram-me inferior por algo que não escolhi, ao mesmo tempo que vos oferecem *livremente* os seus corpos. É ridículo.

Ela tinha razão, mas Bowen também sabia que nada faria com que mudassem de opinião. Realçar a sua clara hipocrisia só as enfureceria ainda mais e as colocaria ainda mais contra Genevieve. Se é que tal era possível.

Genevieve suspirou audivelmente de alívio, quando as criadas começaram a recolher as travessas, assinalando o final da refeição.

— Gostaria de recolher ao meu quarto, *Laird* — disse ela, num tom de voz que não se adequava ao da Genevieve que ele conhecia.

— Passaste para o quarto ao lado do meu — disse Bowen em tom firme. Os membros do clã que pensassem o que quisessem, mas que não se atrevessem a falar contra ela de modo a que os ouvisse ou sofreriam as consequências. — Podes subir, desde que Taliesan te acompanhe. Também ela foi mudada, para o quarto do outro lado do teu.

Taliesan parecia surpreendida.

— Mas, *Laird*, eu sempre vivi numa pequena casa no exterior da fortaleza. Nunca me foi dado o privilégio de permanecer no interior.

— Agora foi — disse Brodie, franzindo o sobrolho. — Tu e Genevieve ocuparão quartos contíguos.

Taliesan bateu palmas de excitação.

— É maravilhoso, Genevieve! Nunca mais terás de te preocupar com visitas indesejadas. Terás Bowen de um lado e eu do outro.

Brodie não sorria ao pronunciar as palavras seguintes e, no entanto, havia algo estranho na sua voz.

— Estarei do outro lado do corredor em relação a ambas. Se precisarem de alguma coisa, espero que me procurem.

— Ou a mim — disse Bowen.

Taliesan sorriu, as suas faces ficando rosadas e os olhos cintilando calorosos.

— Assim faremos.

Capítulo 11

Genevieve deixou-se cair na cama e pousou as palmas das mãos no colchão macio, acariciando os lençóis de linho num gesto ausente. Uma cama era um luxo de que já não gozava há um ano. Desde que deixara o seu próprio quarto na fortaleza do pai.

Tinha sido mimada. Vergonhosamente mimada. Todas as suas necessidades eram atendidas. Tinha sido amada, acarinhada e apoiada.

A tristeza invadiu-a, e ela fez o que pôde para a afastar do peito e do coração.

As únicas vezes em que lhe era permitido acesso a uma cama a sério eram quando Ian a estava a usar. Ela passara a temer coisas tão simples como um colchão pois, enquanto estava no chão duro, no fino tapete onde dormia, estava em segurança das suas atenções.

Bowen garantira o seu conforto ordenando a alguém que acendesse um fogo na lareira e deixasse um jarro de água na bacia perto da janela. As peles tinham sido firmemente fechadas e presas, e as velas estrategicamente colocadas e acesas em redor do quarto, de tal forma que este era suavemente iluminado pelo brilho quente das pequenas chamas.

Devia ansiar pelo isolamento. Devia sentir-se aliviada e grata por

ninguém a incomodar. E, no entanto, sentia-se desesperadamente só, assustada e nervosa.

Para ser sincera, não sabia o que fazer consigo mesma.

Sentou-se, absolutamente imóvel, e absorveu a mudança de direção dos seus pensamentos. Dos seus planos. Estava tudo definido na sua mente e, depois, Bowen Montgomery mudara-o com a sua arrojada diretiva.

O facto de lhe ter ordenado que ficasse na fortaleza devia irritá-la. Durante um ano inteiro estivera sujeita à autoridade e ao controlo de um homem que não lhe dedicava qualquer atenção a não ser para lhe causar infelicidade. E, no entanto, havia algo em Bowen Montgomery que a deixava tolamente... esperançosa.

Ah, aquela palavra outra vez! *Esperança*. Como era doce.

Ouviu baterem à porta e franziu o sobrolho. Mas, antes que se pudesse levantar para responder, a porta abriu-se e a cabeça de Taliesan espreitou para o interior.

— Posso entrar?

Genevieve relaxou e fez sinal a Taliesan para que entrasse.

A outra mulher avançou cuidadosamente para o interior do quarto e coxeou pesadamente na direção da cama onde Genevieve estava sentada.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou Genevieve, preocupada.

Taliesan afundou-se pesadamente na beira da cama, esfregando a coxa sob as saias.

— Não. Estou demasiado excitada para dormir e o quarto é muito belo. É quase tão grande quanto toda a casa onde eu vivia com os meus familiares.

Genevieve apercebeu-se da tensão nos lábios de Taliesan embora mais nada no seu comportamento sugerisse que houvesse algo de errado.

— A perna está a incomodar-te, é?

Taliesan fez uma careta e baixou os olhos para o local onde a mão pressionava a coxa.

— Sim, mas não é nada com que não tenha lidado antes. As coisas são assim e não há nada a fazer quanto a isso.

— Lamento — disse Genevieve baixinho.

Taliesan dirigiu-lhe um olhar sobressaltado.

— Porquê?

— Por estares a sofrer. Não o desejo a ninguém.

— Tens um bom coração, Genevieve McInnis — disse Taliesan. — Sinto-me feliz por sermos amigas.

Continuava a ser uma sensação estranha pensar que tinha uma amiga de verdade entre os McHughs. Fazia pouco sentido. O clã McHugh representava tudo o que havia de mau no mundo. Era verdade que era apenas um homem e que ela não podia considerar o restante clã responsável pelos seus atos, mas ninguém se prontificara a ajudá-la. Ninguém dissera que aquilo estava errado.

Era tolo da sua parte gastar a energia em sentimentos de raiva ou ressentimento em relação à questão. O que poderia ter feito qualquer um dos membros do clã?

No entanto, a ferver no fundo da sua mente estava a memória de como a tinham tratado. Com tanto desdém e veneno quando sabiam bem que ela era uma vítima. E era isso que não podia perdoar.

Podiam ter-lhe mostrado compaixão. Mesmo que não se pudessem opor à vontade do seu *laird* e do filho deste podiam, pelo menos, ter-lhe dirigido olhares gentis.

Queria odiá-los a todos e partir daquele lugar, no entanto não conseguia invocar qualquer desagrado — nem conseguia ignorar a ordem de Bowen para que ficasse.

E, por isso, ali estava ela, tratada como se fosse uma convidada de honra, na mesma fortaleza que fora o seu inferno.

Taliesan tocou, hesitantemente, no braço de Genevieve, e foi então que Genevieve se apercebeu que Taliesan tinha estado a falar com ela enquanto estava perdida nos seus pensamentos. Pestanejou rapidamente e virou a sua atenção para a outra mulher.

— O que farás agora, Genevieve? — perguntou Taliesan baixinho. — Desculpa ter enviado o Bowen atrás de ti.

Abanou a cabeça e afastou a mão do braço de Genevieve para a entrelaçar com a sua outra mão, pousada sobre o colo. A voz dela estava tão baixa que Genevieve quase não a conseguira ouvir.

— Não, isso não é verdade. *Não* estou arrependida, porque fiquei muito preocupada contigo quando partiste sozinha e a pé. Sei que não me cabia a mim intervir, mas não podia deixar que te acontecesse alguma coisa como o que aconteceu há um ano.

Taliesan ergueu os olhos de relance; estes estavam repletos de sinceridade.

— Por favor, perdoa-me Genevieve, pois, de verdade, estava a pensar apenas no que era melhor para ti.

Genevieve suspirou.

— Foi tolo da minha parte tentar tal coisa. Não estava a pensar com clareza e não tinha qualquer plano ou forma de viajar até ao meu destino. Só queria escapar.

— Sei que tem sido horrível para ti, aqui — disse Taliesan em voz baixa. — Mas já não tens de sofrer. O Bowen defendeu-te. Ele e os seus parecem ser bons homens. Nada que se pareça com Ian.

Genevieve estremeceu de repulsa.

— Não, nada como Ian. Pelo menos por ora.

O olhar de Taliesan tornou-se afiado, os seus olhos semicerrando-se enquanto fitava intensamente Genevieve.

— Achas que é um truque?

— Não sei o que pensar — disse Genevieve, sinceramente. — Mas seria insensato da minha parte colocar uma fé cega em Bowen Montgomery... ou em qualquer outro homem. Ele parece ser verdadeiro e justo, mas Ian também era capaz de ser encantador e convincente quando queria.

A dor na sua voz era impossível de disfarçar, pelo que afastou o olhar, temendo que a sua compostura falhasse e se humilhasse perante a outra mulher.

Inesperadamente, deu por si a ser puxada para os braços de Taliesan e abraçada com força. Era uma sensação surpreendente. Tinha sido privada durante tanto tempo de toque, afeto... conforto. Quanto tempo teria passado sem a mais básica das necessidades emocionais?

Primeiro ficou tensa, sem saber ao certo o que deveria fazer. Mas Taliesan não a largou, os braços fortemente apertados em redor de Genevieve. Pouco a pouco, os braços de Genevieve envolveram a cintura esguia de Taliesan e as duas mulheres abraçaram-se ferozmente, enquanto permaneciam sentadas na cama de Genevieve.

— Prometo que serei uma boa e leal amiga, Genevieve — sussurrou Taliesan.

As palavras desceram para o coração de Genevieve como uma suave

chuva de primavera. Sentiu-se reconfortada pela amabilidade que Taliesan lhe dedicava e pela sua genuína oferta de amizade.

— Também serei uma boa amiga para ti — prometeu Genevieve.

Taliesan afastou-se e mostrou o seu sorriso rasgado.

— Ótimo. Então estamos combinadas.

Com o seu futuro tão incerto, Genevieve não tinha a certeza de que algo estivesse combinado, mas não se ia preocupar com o que poderia acontecer no futuro. Por ora estava satisfeita por ter um rosto amigável no meio de um mar de animosidade, e um guerreiro como seu defensor e protetor.

Com Bowen e Taliesan do seu lado, os dias seguintes poderiam, afinal, não ser tão difíceis.